



MARIA HELENA ANDRÉS E AS ARTES

O INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS-IMHA



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Este capítulo traz os textos de Maria Helena sobre o Instituto que leva seu nome, que tem com o objetivo promover o desenvolvimento cultural, o desenvolvimento humano e o despertar da consciência por meio da ação cultural e da educação pela arte. O Instituto Maria Helena Andrés - IMHA foi criado em 2005 em Entre Rios de Minas e transferido em 2015 para o Retiro das Pedras, em Brumadinho-MG.

Em sua primeira fase, o IMHA atuou como Ponto de Cultura, promoveu a inclusão social e digital, estimulou a formação de outras organizações sociais locais. Dinamizou a vida cultural em Entre Rios de Minas e no Campo das Vertentes de Minas Gerais com festivais, mutirões artísticos, cursos de design e multimídia, formação de adolescentes, tendo deixado ali um legado positivo de valorização da arte estendida à vida. Também promoveu exposições tais como a Linha e Gesto no Palácio das Artes em BH em 2011.

Em sua segunda fase, já no Retiro das Pedras, focou em seu objetivo de pesquisar, conservar, catalogar e divulgar o pensamento e a obra de Maria Helena Andrés e nesse contexto promoveu em 2015 a exposição *Fotografia e Natureza*, a exposição de desenhos, pinturas e esculturas em comemoração aos 70 anos da Escola Guignard e a mostra do livro *Oriente/Ocidente* no II Encontro de Estudos Indianos na UFMG, eventos que também foram descritos em textos nos blogs.

SUMÁRIO

1. MUDANÇA DE DIRETORIA NO INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS	5
2. EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO	6
3. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO I	11
4. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO II	13
5. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO III	14
6. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO IV	15
7. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO V	17
8. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO VI	18
9. PROJETO AYA: ARTE/YOGA/AMBIENTE	19
10. ECCOPAZ	21
11. 4º FESTIVAL DE INVERNO DE ENTRE RIOS DE MINAS I	23
12. 4º FESTIVAL DE INVERNO DE ENTRE RIOS DE MINAS II	24
13. MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS, EXPERIÊNCIA DE SOLIDARIEDADE NA ARTE	27
14. ATIVIDADES DO IMHA E COLÔNIA DE FÉRIAS	28
15. O INSTITUTO EM TRANSFORMAÇÃO: UM EXEMPLO DE TRANSDISCIPLINARIDADE	30
16. IMHA, ARTE ESTENDIDA À VIDA	32
17. I SEMANA DE ARTE DE ENTRE RIOS DE MINAS	34
18. ALGUNS ASPECTOS DO MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS	37
19. OFICINA DE PAPEL NO MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS	40
20. FESTIVAL MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS	43

21. MUTIRÕES CULTURAIS DE ENTRE RIOS DE MINAS	45
22. PEQUENA RETROSPECTIVA DA ATUAÇÃO DO IMHA EM ENTRE RIOS DE MINAS	47
23. OUTRAS PESSOAS, SER OU NÃO SER	51
24. REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO “FOTOGRAFIA E NATUREZA”	53
25. II JORNADA DE ESTUDOS INDIANOS	56
26. PROJETO ARTE É VIDA	58
27. PROJETO RESGATE COM ARTE	59
28. PONTO DE CULTURA MÚSICA PARA TODOS	60
29. PROJETO MÚSICA NA ESCOLA	62
30. EVENTO PARALELO ÁGUAS, HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E ARTES -ONU	64
31. SIDE EVENT WATER, HISTORY, EDUCATION AND ARTS - UN	69

MUDANÇA DE DIRETORIA NO INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS



Fotos: Antônio Eugênio Salles, Renata Guerra e Saulo Resende

Um dia Roberto meu neto me telefonou de Paris: “Vó, vou fazer um projeto de museu para você”. O projeto será a minha defesa no curso de graduação em Arquitetura. Daquele dia em diante a ideia foi crescendo, tomando forma. Passaram-se cinco anos desde a data comemorativa da criação do IMHA, em Entre Rios de Minas.

Nesses cinco anos aconteceram três Festivais de Inverno e um mutirão que reuniu a cidade toda mostrando a criatividade como energia de paz e união entre as comunidades. Criou-se o projeto Música na Escola e uma ONG de ecologia, a Ecoppaz tudo isso na cidade de Entre Rios, a uma hora e meia de distância de Belo Horizonte.

Em tempos passados aquela região serviu de triagem dos cavalos manga-larga e campolina. Ali se reuniam os tropeiros carregando a mercadoria amarrada em picuás no lombo dos cavalos.

Ao longo do tempo o IMHA teve uma história acidentada, pouco dinheiro e muito entusiasmo. Euler Andrés e Saulo Resende, como primeiros diretores, se desdobraram nas iniciativas e agora estão entregando a regência para Antônio Eugênio Salles que com a sua grande experiência empresarial levará o IMHA para além das vertentes, em busca de novas terras.

O primeiro mandato terminou com a exposição *Linha e Gesto* no Palácio das Artes em Belo Horizonte, tendo sido visitada por 15.000 pessoas. Foi idealizada há três anos por Roberto Andrés que direcionou uma equipe de jovens arquitetos, artistas plásticos e cineastas com a curadoria de Marília Andrés. A exposição foi a abertura para novos caminhos.

As comemorações de entrega de mandato se realizaram na sede do Instituto, uma casa estilo rústico, situada na Rua Dr. José Gonçalves da Cunha em Entre Rios. Houve discurso, prestação de contas e votação para a chapa única. Depois de um almoço comemorativo no Café com Prosa, a turma seguiu para a Capela “Olhos D’água”, uma pequena joia do barroco situada nos arredores do “Crasto”. Ali ouvimos o violão de um jovem artista, Pedro Gervason - que teve os seus

estudos iniciais no 1º Festival de Inverno. Em seguida foi plantada uma árvore gameleira no lugar em que existia outra e que aparece em relatos históricos do Século XVIII e XIX. Ali os viajantes paravam para repousar de longas viagens pelas estradas poeirentas de Minas Gerais. No tronco da gameleira havia uma cavidade natural, um pequeno salão onde as pessoas, vindo a cavalo, trocavam de roupa para entrar na Igreja. Até as noivas usavam a gameleira como camarim para se prepararem para a cerimônia do casamento. O plantio da gameleira simbolizou a mudança que vai acontecer no IMHA. Nova diretoria, novas direções, novos caminhos.

23 de abril de 2010.

EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO

A exposição Linha e Gesto realizada no Palácio das Artes entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010 motivou reflexões sobre seu conteúdo e dinâmica.



Para essa exposição, optamos por uma linha que teve sua origem na década de 1950, quando meu trabalho passou do figurativo para o abstrato. O registro dessa mudança está nos pequenos croquis feitos na zona rural de Minas Gerais, a fazenda da Barrinha. Naquela ocasião, levando comigo um caderno de anotações, eu desenhava em nanquim o movimento de uma fazenda mineira. A série Via Sacra pertence também aos desenhos preliminares que motivaram a transformação do figurativo para o abstrato.

O passado foi a energia propulsora da qual se foi construindo o futuro. Foi necessário desconstruir o passado para criar o caminho do presente e do futuro. A fase de guerra foi decisiva. Ali foram quebrados os condicionamentos, as estruturas se despedaçaram e começaram as releituras. De um lado, a via sacra. Do outro lado, os boizinhos.



Registros de uma época feliz, estável, família crescendo, o marido dando força para seguir o caminho. Desenhos pequenos, lembranças. No meio do biombo, o túnel do tempo permite ver ao fundo as esculturas de ferro. O presente veio do passado. Ao centro, as cidades iluminadas brilham na noite. Casas, janela, luzes que se acendem, luzes que se apagam. Voltar ao passado? Impossível. Uma voz interna me diz: Não detenha o rio. Ele segue o curso natural das águas e um dia se joga no mar. Muitas estórias são vivenciadas no curso do rio. Elas nos contam segredos que nunca serão revelados, mas fazem parte da vida, do dia, da noite, das manhãs, dos poentes. As lembranças dão vida ao agora porque só ele existe. Seguir a meta dos jovens. Entusiasmo, alegria, ação. Os valores são outros quando escutamos os jovens. Eles veem a arte como um todo, não separam. O século XXI é o século da unidade e não da separatividade. Ver a exposição como um todo, um caminho, um túnel do tempo que se prolonga no espaço.



Roberto e Marília lideraram a equipe de curadores dessa exposição determinando a tarefa de cada um. Os jovens se entusiasmaram e desapegadamente começaram a agir. A retribuição era

sempre informal, um desenho de presente, um crédito na lista de apoio. Elena, que deu o primeiro toque nas esculturas, também realizou os painéis transportáveis, que permitem circular em diversos espaços. Minha arte tem de ser viajante como eu sou na vida. Ser transportável é condição imprescindível!

A exposição mostra meu caminho, que é também o caminho de minha vida, cheio de mudanças. O ponto de mutação energética. Se não enxergamos a ordem interna de mudança, ficamos parados no tempo e sofremos. A ordem não vem de fora, é uma exigência de nosso ser interno.

Os curadores escolheram duas vertentes significativas do meu itinerário de arte, dois caminhos aparentemente opostos, mas que se completam. Ambos buscam alcançar o essencial através da criação artística e posso visualizar claramente o caminho da linha e o caminho do gesto e a sua transformação no tempo.



A linha do tempo me ajudou a ver mais claramente os caminhos por onde passei em ordem cronológica. Para realizar a linha do tempo, Eliana pesquisou documentos antigos guardados nas gavetas da memória. Abriu pastas e papéis amarelados e até as artistas de cinema apareceram documentando a minha adolescência de 14 anos. Desde então, meu caminho estava traçado.

Vídeos foram editados, depoimentos de vida, o refúgio nas montanhas, passarinhos cantando. Terra, água, fogo, ar e éter registraram minha passagem por caminhos diversificados. O passado foi surgindo no meio de livros, documentos, falas. Surgiu devagar, registrado com muito amor e paciência. As pessoas paravam para ver os livros e as minhas viagens à Índia filmados por

Maurício em 2007.

Tudo se tornou interessante e vivo, porque foi um registro de experiências. A linha continua foi sempre lembrada. “Partir de um ponto e voltar ao ponto inicial”

Na arte e na vida as coisas se assemelham. No momento, faço releituras do que foi feito nas décadas de 50 e 60. Na década de 50, o construtivismo; na década de 60 o gestual.

O construtivismo gerou esculturas geométricas, o gestual gerou esculturas orgânicas. O caminho foi registrado de forma clara.



Partir do individual para o coletivo, do pequeno para o grande, de Minas Gerais para o mundo. Depois, voltar à terra e ver que as montanhas estão indo embora, de trem de ferro e navio para outras terras distantes. O depoimento sobre a serra da Calçada também foi apresentado em vídeo: lembrei das fases da exploração de nossas riquezas minerais. O ciclo do ouro e agora o ciclo do ferro, assustadoramente devorador! Tudo isso foi visto e provocou reflexões, numa forma interativa e dinâmica. “Onde fica essa Serra da Calçada? Vou fazer o mesmo movimento de proteção lá no Maranhão” Outro visitante se encanta com a Índia. “Sou discípulo de Sai Baba, um dia ainda chego também à Índia.”



As crianças se interessaram, participaram de uma oficina dirigida por Isaura Pena e tiveram a alegria de ver seus trabalhos também expostos nos biombos. Depois vieram as intervenções. No princípio achei estranha a ideia, pois nunca tinha visto isso em nenhum lugar do mundo. Curadores, artista e colecionadores, teriam de ver seus trabalhos sempre mudando de lugar. Ótima ideia para treinar o desapego.

Do lado de fora, os nomes dos interventores – Marília e Roberto foram os primeiros, fizeram uma instalação baseada na história, já que Marília é historiadora. Juntos, organizaram o primeiro módulo, que durou um mês.

Ficou linda, muito clara, incisiva, mostrando o início do processo e a direção para as esculturas geométricas e orgânicas. Já estávamos todos acostumados àquela disposição dos quadros e esculturas, quando numa segunda feira, tudo mudou e na terça feira já estava instalada uma nova versão, dessa vez entregue a dois curadores.

A nova curadoria mudou tudo de lugar de um dia para o outro. Tivemos de desapegar do passado, e enxergar o novo, naquele momento entregue a dois arquitetos jovens. A visão do todo foi dividida em compartimentos bem definidos. Perdeu-se a visão da mostra como uma linha direta que conduzia o olhar para o objetivo final e mostrava que tudo o que começou nas décadas de 50 e 60 está tendo uma releitura agora, a partir da virada do século. Os quadros passaram a ser vistos de outra forma, independentes de um roteiro cronológico e as esculturas tiveram destaque colocadas à entrada da galeria.

*Fotos De Maurício Andrés Ribeiro

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO I



Fotos: Arquivo pessoal

A exposição *Linha e Gesto*, realizada no Palácio das Artes entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010, motivou reflexões sobre seu conteúdo e dinâmica.

Para essa exposição, optamos por uma linha que teve sua origem na década de 1950, quando meu trabalho passou do figurativo para o abstrato. O registro dessa mudança está nos pequenos croquis feitos na zona rural de Minas Gerais, a fazenda da Barrinha. Naquela ocasião, levando comigo um caderno de anotações, eu desenhava em nanquim o movimento de uma fazenda mineira.

A serie *via sacra* pertence também aos desenhos preliminares que motivaram a transformação do figurativo para o abstrato. O passado foi a energia propulsora da qual se foi construindo o futuro. Foi necessário desconstruir o passado para criar o caminho do presente e do futuro. A fase de guerra foi decisiva. Ali foram quebrados os condicionamentos, as estruturas se despedaçaram e começaram as releituras. De um lado, a *via sacra*. Do outro lado, os boizinhos.

Registros de uma época feliz, estável, família crescendo, o marido dando força para seguir o caminho. Desenhos pequenos, lembranças. No meio do biombo, o túnel do tempo permite ver ao fundo as esculturas de ferro. O presente veio do passado. Ao centro, as cidades iluminadas brilham

na noite. Casas, janela, luzes que se acendem, luzes que se apagam. Voltar ao passado? Impossível. Uma voz interna me diz: Não detenha o rio. Ele segue o curso natural das águas e um dia se joga no mar. Muitas estórias são vivenciadas no curso do rio. Elas nos contam segredos que nunca serão revelados, mas fazem parte da vida, do dia, da noite, das manhas, dos poentes. As lembranças dão vida ao agora porque só ele existe.

Comentam sobre minha fase concretista: “Seus quadros dessa fase estão valendo uma fortuna em São Paulo”. Não me interessa pela parte comercial de minha obra. Ela faz parte do meu itinerário, mas não é o que me impulsiona para a frente. Seguir a meta dos jovens. Entusiasmo, alegria, ação. Os valores são outros quando escutamos os jovens. Eles veem a arte como um todo, não separam. O século XXI é o século da unidade e não da separatividade. Ver a exposição como um todo, um caminho, um túnel do tempo que se prolonga no espaço.

Um dia, Roberto, meu neto me telefonou de Paris: “Vó, vou fazer um museu para você...” Comento com ele que “Museu é coisa parada, para guardar o passado, o melhor é fazer um instituto onde a mensagem pode ser visualizada no todo de forma dinâmica”. Assim foi criado o Instituto Maria Helena Andrés – IMHA. Dali saíram três festivais, um mutirão, foram criadas algumas ONGS e oferecidos projetos de extensão de arte a toda a comunidade. Uma das metas era uma exposição didática de meus quadros em Belo Horizonte, com a possibilidade de percorrer o Brasil.

Roberto Andrés e Marília Andrés lideraram a equipe de curadores dessa exposição determinando a tarefa de cada um. Os jovens se entusiasmaram e desapegadamente começaram a agir. A retribuição era sempre informal, um desenho de presente, um crédito na lista de apoio. Elena Andrés, que deu o primeiro toque nas esculturas, também realizou os painéis transportáveis, que permitem circular em diversos espaços.

Minha arte tem de ser viajante como eu sou na vida. Ser transportável é condição imprescindível! A exposição mostra meu caminho, que é também o caminho de minha vida, cheio de mudanças. O ponto de mutação energético. Se não enxergamos a ordem interna de mudança, ficamos parados no tempo e sofremos. A ordem não vem de fora, é uma exigência de nosso ser interno.

Os curadores escolheram duas vertentes significativas do meu itinerário de arte, dois caminhos aparentemente opostos, mas que se completam. Ambos buscam alcançar o essencial através da criação artística e posso visualizar claramente o caminho da linha e o caminho do gesto e a sua transformação no tempo.

3 de março de 2010

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO II



Fotos: Maurício Andrés

A linha do tempo me ajudou a ver mais claramente os caminhos por onde passei, em ordem cronológica. Para realizar essa cronologia Eliana Andrés pesquisou documentos antigos guardados nas gavetas da memória. Abriu pastas e papéis amarelecidos e até os desenhos das artistas de cinema apareceram, documentando a minha adolescência de 14 anos. Desde então, meu caminho estava traçado.

Vídeos foram editados, depoimentos de vida, o refúgio nas montanhas, passarinhos cantando. Terra, água, fogo, ar e éter registraram minha passagem por caminhos diversificados. O passado foi surgindo no meio de livros, documentos, falas. Surgiu devagar, realizado com muito amor e paciência. As pessoas paravam para ver os livros e as minhas viagens à Índia filmadas por Maurício Andrés em 2007 e editadas por Cecília Fernandes, com produção de Ivana Andrés e imagens de Luciano Luppi.

Tudo se tornou interessante e vivo, porque foi um registro de experiências. A linha contínua foi sempre lembrada: “Partir de um ponto e voltar ao ponto inicial”. Na arte e na vida as coisas se

assemelham. No momento, faço releituras do que foi feito, o construtivismo na década de 50, o gestual na década de 60. O construtivismo gerou esculturas geométricas, o gestual gerou esculturas orgânicas. O caminho foi registrado de forma clara.

Partir do individual para o coletivo, do pequeno para o grande, de Minas Gerais para o mundo. Depois, voltar à terra e ver que as montanhas estão indo embora, de trem de ferro e navio para outras terras distantes. O depoimento sobre a serra da Calçada também foi apresentado em vídeo: lembrei das fases da exploração de nossas riquezas minerais. O ciclo do ouro e agora o ciclo do ferro, assustadoramente devorador! Tudo isso foi visto e provocou reflexões, numa forma interativa e dinâmica. “Onde fica essa Serra da Calçada? Vou fazer o mesmo movimento de proteção lá no Maranhão”. Outro visitante se encanta com a Índia. “Sou discípulo de Sai Baba, um dia ainda chego lá na Índia.”

14 de março de 2010.

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO III



Fotos: arquivo pessoal

As crianças se interessaram, participaram de uma oficina dirigida por Isaura Pena e tiveram a alegria de ver seus trabalhos também expostos nos painéis. Depois vieram as intervenções. No princípio achei estranha a ideia, pois nunca tinha visto isso em nenhum lugar do mundo. Curadores, artistas e colecionadores teriam de ver seus trabalhos sempre mudando de lugar. Ótima ideia para treinar o desapego.

Marília Andrés e Roberto Andrés foram os curadores, fizeram uma instalação baseada na história da linha e do gesto. Juntos, organizaram o primeiro módulo, que durou um mês. Ficou lindo, muito claro, incisivo, mostrando o início do processo e a direção para as esculturas geométricas e orgânicas.

Já estávamos todos acostumados àquela disposição dos quadros e esculturas, quando, numa segunda feira, tudo mudou e na terça feira já estava instalada uma nova versão, dessa vez

entregue a dois outros curadores convidados, Wellington Cançado e Renata Marques. A nova curadoria mudou tudo de lugar de um dia para o outro. Tivemos de desapegar do passado e enxergar o novo, naquele momento entregue a dois jovens arquitetos. A visão do todo foi dividida em compartimentos bem definidos. Os quadros passaram a ser vistos de outra forma, independentes de uma perspectiva cronológica e as esculturas tiveram destaque colocadas à entrada da galeria.

No dia 26 de janeiro, o diretor do Museu Mineiro, Francisco Magalhães, fez uma segunda intervenção, mas não mudou os painéis. Riscou no chão com grafite projetando linhas paralelas que dialogavam com os quadros concretistas, com os painéis e estendia a exposição para o piso de mármore.

As intervenções foram verdadeiras reinvenções inspiradas nas pinturas concretistas. No dia 2 de fevereiro, os irmãos Marconi e Marcelo Drummond reinventaram meu quadro “Fantasia de ritmos”, hoje pertencente ao Museu de Houston, nos Estados Unidos e, no momento, percorrendo a Europa na exposição coletiva *Arte Concreta Brasileira*. Foi aberta a discussão sobre a venda da coleção Leirner para os Estados Unidos. Como pertencente a esse grupo de artistas brasileiros, sou de opinião que a retirada das obras do Brasil não significou perda nem para os artistas, nem para nosso país. O estrondoso sucesso da mostra *Arte Concreta Brasileira* levantou o nome do Brasil para o exterior e também permitiu que se olhasse com respeito para o hemisfério sul. Em nível de qualidade ficou constatado o fato de que somos tão bons em termos de arte concreta quanto o hemisfério norte, para não dizer melhores em termos de conjunto.

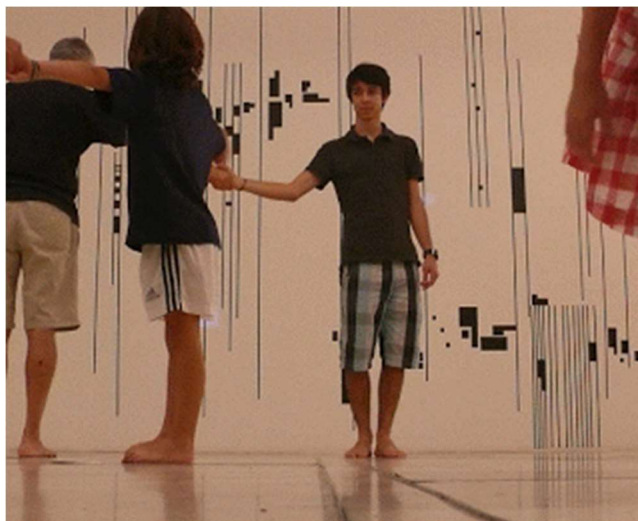
20 de março de 2010

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO IV



Foto: internet

No dia 7 de fevereiro, José Cabral Filho, aproveitando a intervenção dos irmãos Drummond, construiu uma réplica no chão, com uma experiência de arte virtual projetada na parede à medida que as pessoas circulavam e se davam as mãos, numa demonstração da energia humana conjugada com a energia da tecnologia.

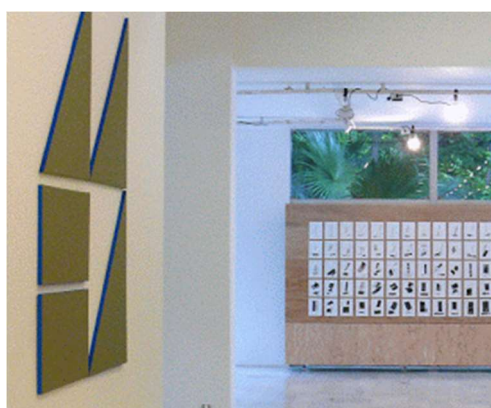


No dia 4 de fevereiro foi realizada a palestra do crítico Fernando Cocchiarale. Sentada ao lado do palestrante eu escutava suas palavras claras sobre o concretismo no Brasil e no mundo. Ele inseria o grupo mineiro nos movimentos concretistas da década de 50, mostrando a importância de nossa participação. Seu pensamento revelou uma arte internacional ligada em suas origens à vanguarda russa pré-revolucionária, onde se estudou a forma em seus elementos essenciais. Cocchiarale também mencionou a importância da presença da mostra *Arte Construtiva Brasileira* nos Estados Unidos como forma de valorização de nossos artistas através de uma coleção da mais alta qualidade.

Tendo como suporte o tablado de madeira onde distribuiu retângulos, quadrados e varetas coloridas, no dia 9 de fevereiro, Márcio Sampaio buscou na origem do construtivismo a influência do grande artista russo Malevitch. Aquele artista procurava, através da eliminação do supérfluo, alcançar a “realidade suprema” que é sem forma e sem cor, chegando ao famoso quadro “Branco sobre branco”. Na exposição, Márcio Sampaio, inspirado no construtivismo russo, criou para mim uma logomarca que oportunamente será usada.

27 de março de 2010

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO V



Fotos: Roberto Andrés

A exposição trouxe para o Palácio das Artes uma dinâmica de apresentações paralelas que se estenderam pelo mês de janeiro e fevereiro de 2010. A começar da primeira performance, do grupo O Grivo, a ligação da pintura com a música foi amplamente experimentada. “Os desenhos de John Cage lembram os seus”, assim me falou o músico que desenvolveu uma integração da música com a poesia minimalista. Ali, a comunicação foi feita através do silêncio e das experiências de John Cage unindo arte à meditação.

Meus quadros da década de 50 têm a força de interagir com outras artes e agora estão sendo o embrião de novas criações no campo da música, da escultura, da dança e da arquitetura. A apresentação de Artur, Alexandre e Regina revelou a possibilidade de um quadro concretista se transformar em partitura musical. Naquela noite, Alexandre meu neto, que também é compositor, me presenteou com uma composição de sua autoria, recém-criada no seu estúdio na fazenda. A síntese das artes começou a acontecer sobre as luzes do grande salão. Foi quando uma jovem dançarina se levantou do chão de mármore onde estava sentada e começou a dançar espontaneamente levando a plateia a participar da energia da criatividade em sua fonte.

A exposição foi enriquecida, a partir do dia 17 de janeiro, por eventos que promoveram a participação do público de forma diferenciada. Por ali passaram crianças, jovens, adultos, pessoas das diferentes classes sociais. As telas foram reinventadas no desenho espontâneo das crianças, no pensamento elaborado dos jovens estudantes de arquitetura e no construtivismo de Marcio Sampaio. Todos puderam participar. Pesquisas foram feitas nos computadores, nos livros e documentos espalhados sobre a mesa e também na linha do tempo estendida cronologicamente. A minha vida de artista foi mostrada desde a adolescência, quando pintava artistas de cinema, até os dias de hoje, com as esculturas que se ergueram do bidimensional para o tridimensional. Houve interesse em percorrer a mostra e muitas vezes as pessoas retornavam para observar detalhes nos dias seguintes.

4 de abril de 2010

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO VI



Fotos: arquivo pessoal

O grupo Superfície, liderado por Roberto Andrés, realizou uma apresentação dinâmica a partir do tema dos boizinhos, que poderia ser vista dentro e fora da exposição. O desenho se movimentava, seguindo a vibração dos sons. Em seguida, uma nova experiência foi mostrada aos participantes, tomando como referência um quadro concretista. Com o auxílio de um microfone, o público pode ouvir a tela e sentir o som das cores. Uma das características do século XXI é a passagem do individual para o coletivo. O mito do artista já começou a ser questionado.

Uma performance aconteceu em plena rua. Os alunos atentos assistiam a uma aula de filosofia. A professora escrevia aforismos no quadro negro, um jovem segurava balões brancos que eram soltos no espaço. Enquanto os balões subiam as coisas aconteciam debaixo do céu. Os

transeuntes que passavam em frente ao Palácio das Artes davam palpites e, às vezes, também participavam, como aquele passante que achou ótimo deitar na rua, ao lado do artista que segurava os balões.

A mais decisiva performance foi a última, entregue à dançarina Dudude Hermann, que foi convidada para fazer a desmontagem da exposição com uma performance sobre desconstrução. Quando Dudude começou a dançar, ela parecia incorporar a energia do Deus Shiva que dançando destruía os apegos. Naquele momento, os artistas, curadores, desmontadores, puderam ver com clareza a relação da arte com a vida. A desmontagem significava também a possibilidade de um recomeço em outro espaço e tempo.

Depois da exposição recebi uma instigante fotografia de Haroldo Kennedy. Nela, as lentes do fotógrafo criam novos espaços e sugerem novas dimensões para as esculturas.

11 de abril de 2010

PROJETO AYA: ARTE/YOGA/AMBIENTE



Fotos: Heder Godinho, Júlio Margarida, Maria Aldina Resende e Eliana Andrés

O Projeto *Aya – Arte / Yoga / Ambiente*, de autoria de Eliana Andrés, teve sua origem na década de 70, quando Eliana, ainda adolescente, administrava aulas de arte numa escolinha para crianças, localizada na garagem da nossa casa em Belo Horizonte. A semente foi plantada ali e o chamado para arte na educação também começou com a alegria das crianças manifestada em desenhos, pinturas e objetos. Também na década de 70, Eliana frequentou vários Festivais de Inverno em Ouro Preto. Inscreveu-se na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, sob a direção de Rubens Gerchman. A administração de Gerchman buscava antes de tudo valorizar o ser humano e despertar o seu potencial criativo. Os alunos frequentavam várias oficinas que, aparentemente diversificadas, se integravam numa síntese harmoniosa.

A integração do yoga no processo de arte começou também na década de 70, quando Eliana deixou o Brasil e seguiu para a Índia, onde encontrou novamente a família. Maurício Andrés, seu irmão mais velho, ali estava realizando um trabalho no Indian Institute of Management, em Bangalore, no sul da Índia. Integrando-se ao grupo familiar, Eliana colaborou nas pesquisas e na parte gráfica do livro infanto-juvenil de autoria de Aparecida Andrés, intitulado *Pepedro nos Caminhos da Índia*.

Em Chennai, ela frequentou cursos de yoga e colaborou espontaneamente dando aulas de arte e yoga para crianças carentes, em Adyar. As crianças na Índia são muito ligadas à natureza e as aulas, em várias ocasiões, são dadas à sombra de árvores frondosas. Isto talvez tenha sido o toque de consciência para integrar a experiência ecológica às aulas de arte-yoga desenvolvidas por ela, também, nas décadas de 80 e 90, no Brasil. As ideias do grande educador brasileiro Paulo Freire também a estimularam neste caminho: “Freire entendia a ecologia como parte de qualquer ação educadora efetivamente crítica e libertadora”.

No Brasil a Oficina *Arte / Yoga / Ecologia*, no 1º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, promovido pelo Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), em 2006, foi o início de um trabalho que depois se aperfeiçoou no Mutirão Cultural, realizado também naquela cidade, em 2009. Em 2011 o Projeto Aya foi integrado às atividades da ONG Ecoppaz com sede no Campo das Vertentes em Minas Gerais. As oficinas foram realizadas em Congonhas, com atividades inclusive na Basílica, onde estão os profetas do Aleijadinho. Em cada cidade o projeto incorpora novas ideias de acordo com as necessidades locais.

Acrescento aqui o depoimento de Eliana sobre seu trabalho:

“O Projeto Aya tem como objetivo unir numa mesma oficina áreas diferentes de

conhecimento: a arte, a prática de yoga e o meio ambiente. Os alunos despertam para a importância do equilíbrio corpo/mente, com a diversificação de atividades que se complementam e que desenvolvem a sensibilidade, a criatividade e a reflexão. Um ser humano com capacidade de integrar no seu dia a dia uma melhor qualidade de vida será um ser mais equilibrado. “Isto terá um reflexo positivo nas suas relações familiares, na educação dos filhos, no seu desempenho profissional, enfim, na sua vida como um todo.”

Uma vez por ano, a equipe do projeto se encontra numa cidade do interior de Minas Gerais, para realizar junto a grupos de crianças e jovens um trabalho voluntário. O Projeto Aya poderá ser realizado também em outros municípios, onde houver receptividade e ressonância com sua proposta educacional”.

26 de janeiro de 2012

ECOPPAZ



Fotos: arquivo pessoal

A ONG Ecoppaz (Ecologia pela Paz) surgiu a partir da consciência de um grupo de alunos da

oficina de Cultura Ambiental e Cultura de Paz, coordenada pelo arquiteto e ambientalista Mauricio Andrés Ribeiro, no I Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, em 2006. O grupo, formado por professores da rede escolar, estudantes e ativistas ambientais, elaborou, naquela ocasião, um documento com uma pauta de questões relevantes para aquele município mineiro, como o abastecimento de água, o lixo e o esgoto, o desmatamento, a erosão de solos e voçorocas, a extração de areia, a proteção do patrimônio edificado e dos quintais, além da geração de ICMS ecológico e sua destinação.

A Ecoppaz tem como missão defender e promover o desenvolvimento sustentável em busca do equilíbrio ecológico entre todos os seres, visando a ética, à paz, à cidadania, aos direitos humanos e a outros valores universais. Dentre as ações recentes da ONG destaca-se a aprovação da Serra do Gambá (situada nos municípios de Entre Rios de Minas e Jeceaba) como Unidade de Conservação Estadual – Monumento Natural. A ONG propõe também ações relacionadas à proteção, revitalização e uso adequado de córregos, tanto na zona urbana quanto na zona rural do município de Entre Rios, visando melhoria na qualidade de vida das populações ribeirinhas e adjacentes.

A Ecoppaz realizou nos últimos dois anos atividades de educação ambiental em escolas, não somente de Entre Rios de Minas, mas também do município de Congonhas. Neste último, integrou em 2011 a proposta do Projeto Aya (Arte / Yoga / Ambiente) às suas ações, realizando junto aos alunos o plantio de árvores na área de lazer da Escola Municipal José Cardoso Osório.

10 de agosto de 2012

4º FESTIVAL DE INVERNO DE ENTRE RIOS DE MINAS I





Fotos: arquivo pessoal

“Acabo de retornar de Entre Rios depois do 4º. Festival de inverno e parabênzo a equipe do IMHA pela realização do evento, especialmente Ivana, Luciano, Simone e Ana Carolina. Houve uma linha de ligação entre as várias atividades, que foi a busca de resgate de raízes culturais e históricas: isso esteve presente desde a abertura, com a pesquisa sobre como vieram povoar o sertão antigas tradições da Andaluzia, por sua vez originadas na Índia.

Essa dimensão histórica também inspira o grupo de Cantigas do Estradar, que resgata a tradição musical regional. Vale notar que o festival já dá frutos, pois vários de seus jovens integrantes iniciaram seus estudos nos festivais anteriores. A oficina e a mesa redonda coordenada por Niniza sobre a história de Entre Rios também buscou conhecer melhor a origem e evolução da cidade, algo importante nesse momento em que a região passa por grandes transformações industriais e econômicas. Um projeto de livro e futuro centro de memória de Entre Rios seriam muito bem-vindos. Por último, o encerramento com a dança do velame - manguera da mazurca - também mostra o encontro da antiga cultura indígena regional com os migrantes alemães que se fixaram na região e a integração com oficina que produziu as indumentárias para o grupo.

Destaques pela sua qualidade para a música do grupo Diapasão; o espetáculo de teatro de rua do Galpão Cine Horto; a sempre simpática e bem-humorada participação de Júlio Margarida, dessa vez com um espetáculo de mímica. A premiação de petiscos da terra também valoriza a cultura culinária local e estimula a melhoria de sua qualidade. Está na hora do Festival de inverno expandir-se e levar seus benefícios para outras cidades na região dos Campos das Vertentes”.

25 de julho de 2010

4º FESTIVAL DE INVERNO DE ENTRE RIOS DE MINAS II



A cidade de Entre Rios esteve em festa entre 18 e 21 de julho, com faixas anunciando o 4º Festival de Inverno da região. Os meus baldezinhas da década de 50 serviram de ilustração para banners, camisetas e cartões. A cidade se movimentou em torno das diversas formas de arte. Como das outras vezes, o quartel general foi a Escola Municipal Dom Oscar, desativada na época de férias. No auditório das Irmãs aconteceram os shows e nas salas de aula as oficinas.

Neste blog procuro valorizar o trabalho quase anônimo da equipe de jornalismo, organizada especialmente para divulgar as atividades do festival. Numa pequena sala com quatro computadores, um grupo de jovens coordenados por Ana Carolina Novaes atuou com maestria desde o primeiro Festival e todos os dias suas informações eram publicadas num jornalzinho. A edição diária do informativo retratou com fidelidade tudo o que ocorreu nos quatro dias do festival e merece ser disponibilizada num site ou blog, para estar acessível a todos os que, como eu, puderam participar apenas parcialmente do Evento. Destaco, entre aspas, alguns dos textos dos informativos.

Na abertura, tivemos a presença do novo presidente Antonio Eugênio de Salles Coelho que veio especialmente do Rio de Janeiro onde se encontrava de férias para ser apresentado às pessoas que ali estavam. “Antonio Eugenio ressaltou a importância da existência de eventos como o Festival, que agrega inúmeros valores socioculturais e formação constante no município. Ressaltou também o papel do IMHA em dar continuidade a eventos como esse, conseguindo os recursos necessários para que seja possível trabalhar ainda mais com grandes propósitos culturais na cidade e no meio rural”. Sobre os eventos:

A abertura do Festival de Inverno apresentou o espetáculo de dança “Sertão Andaluz” com o Grupo Márcia Gelape Mutiarte. “Os passos do flamenco ao som de “Romaria” provaram que há parentesco entre a moda de viola caipira e o flamenco, trazido ao Brasil pelos povos que viviam na Andaluzia (sul da Espanha) e aqui aportaram fugindo da inquisição”.

No segundo dia foi apresentado o espetáculo “Sem palavras” com o mímico Júlio Margarida. Segundo ele “um mímico é um poeta que não usa papel nem caneta. Sem palavras ele fala todas as línguas do mundo. Todos os corações presentes no auditório do Colégio compreenderam, riram e se emocionaram com o espetáculo de mímica “Sem palavras”. A inspiração foi a própria filha – quando se tornou pai, sentiu-se capaz de tudo para fazer seu bebê sorrir. A participação da plateia foi essencial no espetáculo. As crianças, em especial, envolveram-se e fizeram torcida pelo personagem Bindo. É por isto que todo dia é uma estreia e não há um espetáculo igual ao outro”, confidenciou Júlio”.

No terceiro dia, na Igreja de Santa Efigênia, dois grupos se apresentaram com grande sucesso. “É preciso sentir a música, colocando sentimento, cantar com gosto, cantar com a alma” nos disse Frederico Boelsums (Tuca). O grupo cantou composições de Elomar, que preserva as cantigas rurais, do gênero caipira de raiz.”

Sobre a banda Diapásio: “Os jovens músicos Rodrigo Lana (piano), Alexandre Andrés (flautas), Gustavo Amaral (baixo e violão), Leandro César (violão) e Adriano Goyatá (bateria e marimba) levaram ao público sonoridades diversas com composições próprias e arranjos de compositores brasileiros que são referência para o trabalho do grupo.” Foi um momento de encantamento.

No quarto dia, encerramento do Festival, o espetáculo “Não se diz um “sim” assim atoa” do Projeto Cine Horto Pé na Rua misturou cenas de teatro com a música de Tom Zé, abordando de forma lúdica o tema da violência contra a mulher. A Dança da Mangueira, com figurino confeccionado para o grupo do José de Arimateia durante oficina ministrada no festival, encerrou na rua o 4º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas. Sobre as oficinas:

“Uma das oficinas mais requisitadas pelo Festival foi à oficina Circo, com Alexandre Marques e Luciana Zola. Alexandre ministrou também capoeira para jovens e Luciana dança espontânea para crianças. Nesta oficina Luciana trabalha o movimento, que segundo ela, “deve vir de dentro para fora”. O intuito é fazer com que os participantes da oficina resgatem o conhecimento do próprio corpo e suas capacitações, tanto físicas quanto criativas. Quem conhece o próprio corpo conhece a si próprio, conta a professora.”

Serginho Silva ofereceu a oficina Congo Brasil e “apresentou uma variedade de instrumentos e ritmos para seus alunos. A sala de aula transformou-se num show de sons. Ao mesmo tempo, os alunos conheceram um pouco das raízes da cultura musical mineira e estabeleceram contato com seu íntimo. Segundo o mestre, “a música, como linguagem universal, também é comunicação”.

“O professor Bueno Rodriguez explicou aos alunos sobre a fisiologia do aparelho fonador e mostrou como trabalhá-lo em função do que se almeja, seja o canto ou a fala. Os alunos receberam valiosas dicas e aprenderam exercícios de aquecimento vocal, que, segundo Bueno, “são de grande valia, porque intensificam as intenções vocais segundo os anseios de cada um”.

“A Arte de representar foi ministrada por Wagner Ribeiro de Paula (o Faustão), que esteve participando pela primeira vez do Festival. A intenção da oficina foi resgatar a produção teatral de Entre Rios de Minas e tornar o teatro rotina na cultura do município”. “A musicalização auxilia no aprendizado, pois melhora a concentração e a coordenação motora”, explicou Emerson Fonseca. “E

ainda ajuda as crianças a aprenderem matemática, ciência que é a base da música. A resposta das crianças é sempre positiva”. Mônica Lopes, que dirigiu a oficina de cerâmica deu o seguinte depoimento: “A argila não se presta apenas à decoração – ela nos proporciona saúde mental. O importante não é o resultado, mas o processo em si – relaxar e se divertir, cozinhando arte e argila, com sabor de criatividade”.

30 de julho de 2010

MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS: experiência de solidariedade na arte



Fotos: arquivo pessoal

“O movimento cultural de Entre Rios de Minas veio para ficar” – Secretário de Estado de Cultura, Paulo Brant.

“Como é que vocês organizaram isso? Quero fazer o mesmo na minha cidade!” –Secretário de Cultura de uma cidade próxima a Entre Rios de Minas.

“Vocês estão me devolvendo a juventude” – Moradora da comunidade do Distrito Serra do Camapuã.

O Mutirão Cultural de Entre Rios de Minas é um exemplo da arte que se inicia no século XXI, a arte contemporânea espontânea. Assim como o canto dos pássaros que celebram a natureza e como tudo o que vi e senti se expressar na comunidade entrerriense na última semana: “temos a necessidade da arte para evoluir neste planeta”. O Mutirão nasceu das sementes plantadas nos três últimos festivais de inverno, promovidos pelo Instituto Maria Helena Andrés, e se desenvolveu com o trabalho de cerca de 150 voluntários e amigos da cultura, que, juntos, planejaram e realizaram diversos eventos e oficinas.

Existe uma energia universal positiva sempre presente nos movimentos voluntários de solidariedade e todos nós estamos incluídos nela. Palestras, oficinas, apresentações musicais e

teatrais, mesa redonda, lançamento de livro, desfiles e exposições de fotos, filmes, artesanatos e quitandas fizeram parte desse movimento.

29 de julho de 2009

ATIVIDADES DO IMHA E COLÔNIA DE FÉRIAS



Fotos: Luciano Luppi e Euler Andrés

Hoje é dia de festa no IMHA, situado bem em frente ao Banco do Brasil em Entre Rios de Minas. Vejo as crianças pintando os muros e, com sua espontaneidade, registrando também um pouco da história da cidade. Ontem, Teresa preparou tinta de terra e um grupo pintou a base com um tom ocre. No muro interno foram feitos desenhos de imaginação e no muro externo um mapa da cidade com os principais pontos turísticos: o posto no trevo, o Poliesportivo, a Igreja de Santa Efigênia, a Igreja Nossa Senhora das Brotas, os bancos Itaú e Banco do Brasil, a sede do IMHA, a Praça Senador Ribeiro, a rua cheia de casas coloridas, carros e pedestres, até o Hospital Cassiano Campolina (ainda por ser desenhado) com suas palmeiras imperiais. Também foi colocado o Campo de Futebol que fica na altura da Igreja Matriz com um jogo imaginário entre o Atlético e o Cruzeiro. O mapa ainda não está completo e outras crianças poderão contribuir com suas

observações e imaginação.

Fico me lembrando dos meus filhos pintando os muros de minha casa em Belo Horizonte, vinte metros de muro que eu caiava de branco para eles criarem suas histórias de bichos, muitas vezes também com tinta feita de terra. Era uma alegria aquela performance de pintura, uma abertura para a liberdade dentro da arte. Na distância do tempo, podemos lembrar o caminho dos velhos bandeirantes, a cavalgada dos tropeiros, a triagem feita neste local, berço do cavalo campolina. Terra de muitas cores, de muitas histórias. Nos dias de hoje, a terra continua produtiva e as pequenas fazendas vão levando verduras orgânicas para Belo Horizonte.

Em 2005 um movimento foi criado na cidade com a inauguração do IMHA, destinado ao desenvolvimento das artes e a implantação de uma cultura que se alimenta do passado e se fortalece no presente. Quatro Festivais de Inverno e um Mutirão Cultural deram incentivo à novas iniciativas. Particpei de vários cursos, inclusive sobre a história de Entre Rios. Tudo isto permite uma soma de conhecimentos que mais tarde também serão repassados nos blogs. No dia 13 de fevereiro será lançado, com a chegada de novos computadores, o Ponto de Cultura, além do Projeto *Resgate com Arte*.

Há um mês foi realizada na fazenda Luiziânia uma experiência inédita: uma Colônia de Férias para crianças. O objetivo foi levar as crianças a conhecerem o processo da alimentação e o cultivo do alimento orgânico, desde o plantio até a culinária. As crianças permaneceram cinco dias na fazenda Luiziânia, dormindo na casa grande, onde tenho meu ateliê. Levantavam-se cedo para participarem da ordenha, recolherem ovos no galinheiro e colherem verduras para o almoço. Nada chegava pronto, como estavam acostumadas a ver nas cidades. Faziam pão, bolo, biscoito, iogurte, nhoque e praticamente só comiam o que criavam. Participavam de todo o processo da alimentação. Por exemplo: colher a batata, descascá-las, cozinhá-las, amassá-las, enrolar a massa, cortar, cozinhar... e comer o nhoque.

Agora, passo a palavra ao Pedro, um dos responsáveis pela iniciativa:

“Não havia entre as crianças a atitude de recusar os pratos que lhes eram servidos. Comiam de tudo, com o maior apetite, porque tudo era feito por elas. A programação incluía um passeio a cavalo para conhecer a sede original, a “Fazenda da Barrinha”. Ali as crianças conheceram um moinho d’água e aprenderam como moer o milho para fazer o fubá. Prepararam ninhos para os passarinhos e, em conjunto, criaram um grande espantalho para ser colocado na horta. Todas as noites o livro *Indez* era lido para as crianças. No último dia, organizou-se uma pintura coletiva com a colaboração de todos os participantes”.

4 de fevereiro de 2011

O INSTITUTO EM TRANSFORMAÇÃO: UM EXEMPLO DE TRANSDISCIPLINARIDADE



Fotos: Júlio Margarida e Luiz Cruz

O Instituto Maria Helena Andrés surgiu em 2005, fruto de um desejo de pessoas ligadas à região dos Campos das Vertentes, de construir um polo de abertura de consciência através da atividade artística. Nesses anos ele produziu quatro Festivais de inverno que mobilizaram a população de Entre Rios e geraram como resultados a criação da ONG ecológica, a Ecoppaz e de um curso de teatro.

Os festivais ofereceram à comunidade a oportunidade de se aproximar de espetáculos eruditos e populares, além de palestras, mesas-redondas e lançamentos de livros. Foram oferecidas diversas oficinas de formação cultural e artística, como yoga, pintura, desenho, música, literatura, história, teatro, circo, arte e educação, ecologia, dança, arquitetura, contos, vídeo, arte no computador, capoeira, circo, gastronomia, cerâmica e artesanato, entre outras. Na 4ª edição, contou com a participação de moradores da comunidade rural Natividade dos Ferreiras, que ministraram oficinas visando à preservação das tradições históricas e culturais locais e realizaram apresentações folclóricas ao final do evento.

Outro projeto foi o de musicalização nas escolas, que tem o objetivo de estimular a criatividade, a concentração e a atenção de alunos da rede pública do ensino fundamental, por meio do aprendizado dos elementos básicos da música e do desenvolvimento de uma audição ativa e crítica, valorizando todos os aspectos da criação musical. O Projeto consiste na realização de aulas quinzenais, ministradas por músicos capacitados em educação musical infantil, e inclui atividades e brincadeiras pedagógicas promovidas pelos próprios docentes das escolas. Através de projetos variados, as pessoas vão exercitando diferentes práticas criativas junto ao IMHA.

Sarahy Fernandes estendeu o IMHA para Jeceaba onde ministra o projeto *Arteterapia na Escola* que tem como objetivo promover o desenvolvimento intelectual, emocional e social de crianças e adolescentes, por meio do aprendizado e do desenvolvimento de diversas técnicas artísticas, além de dinâmicas e contos. São muitos os estudos que apontam o potencial curador que a arte tem sobre as emoções negativas, resultando em uma transformação positiva para o indivíduo – estimulando seu crescimento, abrindo horizontes e ampliando a autoconsciência. Assim, como benefícios da *Arteterapia na Escola*, destacam-se a melhoria das relações interpessoais e do aprendizado como um todo, influenciando diretamente na qualidade de vida dos alunos.

O projeto *Resgate com Arte* oferece à população de Entre Rios encontros com sua história. Esse projeto, de iniciativa de Maria Aldina está despertando a criatividade da população, unindo todas as classes sociais.

Hoje, o IMHA é um ponto de cultura, onde os adolescentes estão se aproximando da tecnologia pelo viés da arte. Eles aprendem a trabalhar com programas de computador avançados para criação de imagens e vídeos. Esse aprendizado se conecta a outra arte, a música. As imagens e vídeos produzidos têm o objetivo de complementar aulas de música para crianças. Todo esse material didático irá para o site do projeto, podendo ser acessado por qualquer aluno ou professor de música em qualquer lugar do mundo.

Teresa deu seu depoimento, já como nova presidente do Instituto, eleita em 18 de junho de 2011: “Meu objetivo é colocar em prática os ensinamentos de Maria Helena – dar ênfase à extensão da arte para a vida. Fico feliz de o IMHA ter suas ações em Entre Rios, cidade onde moro e de que sempre gostei”.

O IMHA é um instituto onde a transdisciplinaridade é posta em ação. Suas ideias não são dogmáticas, mas se transformam na linha do tempo. Movido pela energia da arte, o IMHA foi se estendendo para outras regiões vizinhas: arte estendida à vida está sendo posta em ação.

8 de julho de 2011

IMHA, ARTE ESTENDIDA À VIDA



Em 2005 foi inaugurado o IMHA (Instituto Maria Helena Andrés) na cidade de Entre Rios de Minas, situada no Campo das Vertentes, nome significativo para a dinamização artística que se desenvolveu por toda a região. Ali se realizaram Festivais de Inverno sob a direção de Luciano Luppi e Ivana Andrés, trazendo para Entre Rios tudo o que de melhor acontecia em Belo Horizonte: professores de artes plásticas, como de música, teatro, capoeira, dança, maracatu, etc. A cidade se movimentou e aceitou as informações artísticas com receptividade extraordinária.

Arte estendida à vida se espalhou pela comunidade. Foi criado um Ponto de Cultura, com o projeto *Música para Todos*, bem como a ECOPPAZ, uma ONG ligada à Ecologia. Foram feitas pesquisas sobre a história da região e incentivos ao artesanato e à Arte na Educação. “Entre Rios mudou”, nos disse o Tuca, talentoso músico da região. “Podemos situar um “antes” e um “depois” da criação do Instituto”.

Agora estamos comemorando a gestão da Teresa Andrés, nossa jovem presidente. Lembrome do Euler, pai de Teresa, que deu o primeiro toque há sete anos, acompanhado do vice-presidente Saulo Resende. O início foi cheio de esperança no futuro. Veio Antônio Eugênio de Belo Horizonte, que nos trouxe a sua experiência de administrador de empresas, e, agora a jovem Teresa, com seu entusiasmo, vai contando para nós o que fez neste ano para a comunidade.

Durante o ano de 2011 vários projetos aconteceram na cidade de Entre Rios, entre eles o projeto *Resgate com Arte* coordenado por Maria Aldina Resende e o projeto *Arteterapia* realizado em Jeceaba sob a coordenação de Sarahy Fernandes. Em Entre Rios o Ponto de Cultura ofereceu o primeiro curso de *Design&Multimídia*.

Durante o evento pudemos admirar desenhos de crianças pendurados como bandeirolas

nos cordões e o artesanato do cotidiano das donas de casa com desenhos da minha fase figurativa de boizinhos. No palco improvisado do bar Villa Lobo foram projetados três vídeos dos alunos do Ponto de Cultura, curtas metragens resgatando pessoas que foram importantes para a comunidade da música entrerriense: Tião, Divino e Osmar, três jovens idosos que foram relatando suas lutas para dar continuidade aos seus sonhos.

Um dos vídeos nos levou à oficina do Tião e à sua história de amor pela música e pelo violão. Cenário pobre, despojado, mas cheio de dedicação à arte. O outro vídeo percorre o universo de Divino, sanfoneiro, cantando música sertaneja. O último vídeo conta a história de Osmar, seresteiro que fez da própria família um grupo de cantores, desde os filhos até os netos. Os vídeos poderão, no futuro, ser mostrados em Festivais de Tiradentes e São João Del Rey. Os diversos grupos me prestaram homenagem como incentivadora das artes.

Fui chamada a falar e ressaltar o fato de que o Instituto foi bem conduzido desde o início nas suas diversas gestões e agora, entregue ao “poder jovem”, continuará apontando para o futuro com a chama do entusiasmo. Entusiasmo significa “Deus dentro” e tenho certeza de que Ele guiará também nossos passos no futuro.

No palco do Bar Villa Lobo, os músicos da região demonstraram que o Campo das Vertentes é fértil em musicalidade. Surpreendeu-nos o show que ali foi improvisado, sob a orientação do Tuca. Surpreendeu-nos uma família inteira de músicos, desde as crianças até os idosos cantando canções autorais. A alegria que eles conseguiram distribuir foi incontestável. Existe uma força interior que une as pessoas através da arte: cantores, pesquisadores, seresteiros, pagodeiros, todos movidos por uma só energia. Parabéns, Teresa e a todos que contribuíram para este evento, vocês nos trouxeram momentos de grande alegria, evidente nos olhos das crianças e no sorriso dos idosos. Todos formamos um círculo harmonioso que vai se propagando e continuará com a chama do entusiasmo, levando a arte para todos os recantos desta região privilegiada de Minas Gerais.

10 de março de 2012

I SEMANA DE ARTE DE ENTRE RIOS DE MINAS



Fotos: Maurício Andrés

A 1ª Semana de Arte de Entre Rios de Minas aconteceu agora, no final de julho, com grande sucesso, organizada por Marília Andrés, a nova presidente do IMHA. Marília é historiadora e acredito que a sua gestão vai ser baseada na história. Teresa, nossa jovem ex-presidente renunciou ao cargo devido ao fato de estar, de agora em diante, morando fora do Brasil, embora tenha colaborado na estruturação do evento. Marília buscou o apoio da UFMG, dali trazendo uma equipe de professores ligados às novas tecnologias.

Um vídeo está sendo formalizado, com a história da minha vida de artista, focalizando de preferência a minha fase rural, onde a influência de Guignard foi marcante. Procuramos separar numa sala as pinturas e em outra os desenhos e aquarelas. Naquela época (década de 40) eu pintava à óleo, não havia ainda surgido o acrílico, mas dentro da pintura orientada pelo mestre Guignard separei alguns quadros representativos. Para o documentário, dei entrevistas para a equipe que veio de Belo Horizonte para ministrar as oficinas da Semana de Arte. Na minha opinião,

Entre Rios está formando um grupo muito bom em vídeos, os professores são ótimos e os alunos muito interessados.

Nesta semana de arte, Marília convidou professores que conheciam o processo de fotografia *pinhole*, precursor da fotografia, que remonta à época de Leonardo da Vinci.

“Uma caixinha ou lata poderá servir de câmera fotográfica”. As crianças deliraram ao aprender o processo da câmera escura e ter a alegria de verem seus trabalhos serem revelados. *Pinhole* é de uma simplicidade comovente. Nesta época em que as crianças recebem brinquedos prontos, a fotografia à moda antiga nos faz refletir sobre o trabalho artesanal dos antigos pesquisadores.

Visitei a oficina de musicalização infantil, linguagem lúdica da música entregue à professora Iraty Boelsums, no Villa Lobo Arte Bar. Trinta crianças sentadas no chão entoavam notas musicais acompanhadas de pandeiros e chocalhos. O objetivo era despertar a criança para o som que está em toda parte, ao redor de nós e também dentro de nós.

Havia uma energia muito boa circulando pelo espaço, em vibrações, como se um grupo de anjos estivesse descendo à Terra. Assisti ao final do curso e pude participar dos abraços coletivos de agradecimento dados pelos artistas mirins à sua jovem professora. Realmente, a música é um grande instrumento de harmonização.

À noite o bar da Cláudia voltava a ser de gente grande. Durante a semana de arte, aconteceram apresentações musicais da Seresta Rios ao Luar, do Grupo Voz e Poesia (Luciano Luppi, Ivana Andrés e Evaldo Nogueira), além de projeções de vídeos de Tuca Boelsums, Graveola e Eduardo Fillizola.

Gostaria de agradecer a preciosa colaboração dos coordenadores Pedro Duarte Lobo, vice-presidente do IMHA, Evandro Lemos da Silva, coordenador do Laboratório Innovatio da UFMG, além dos músicos Iraty Boelsums, Ralph Oliveira e Verônica Nóbrega, que doaram seus trabalhos de forma voluntária. Também gostaria de agradecer aos colaboradores Iara Rolim, Cláudia Ribeiro Duarte Resende, Tuca Leão Boelsums, Ana Carolina Novaes de Almeida, Gabriel Caram, Vinícius Odilon, Gorete Boelsums, Laura Melgaço Camilo, Mariah Boelsums, Pedro Bertal, Jonathan Serafim e Daniela Cristiane Santos.

12 de agosto de 2013

ALGUNS ASPECTOS DO MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS





Fotos de Natália França

Estou sentada em frente à Igreja Nossa Senhora das Brotas em Entre Rios de Minas. O sol ilumina a feira de sábado onde se vende o produto da semana. Contribuímos com o nosso produto. Viemos de BH para colaborar com a cidade neste Mutirão de Artes. Foi uma semana

produtiva. A turma daqui é aberta à arte e à cultura, pois sabem que, exercendo a arte, deixando fluir sua própria energia criativa, também estão colaborando para o desenvolvimento da região e do país.

O IMHA (Instituto Maria Helena Andrés) abriu caminho através de vários projetos. Para esta cidade vieram professores, maestros, orquestras, diretores de teatro, de circo. Entre Rios se encheu de risos e cores. Os cinegrafistas documentaram tudo e hoje o secretário de Cultura está incentivando este Mutirão de Arte. Gosto muito de Mutirões, o resultado é excelente...

Ficamos encarregadas da Oficina de papel, coordenada por Ivana, Sarahy, Marília e eu. Gostei dos trabalhos, lindos, criativos. Fizeram colagens e desenhos individuais e coletivos, bem como esculturas de papel.

Agora, as jovens artistas são também “curadoras” da mostra e organizam ao ar livre a exposição.

Outro grupo de artistas trabalhou com dedicação e entusiasmo nos bordados sobre a cidade. Bordaram as casas de Entre Rios. Um sucesso de solidariedade. Aliás, Mutirão significa solidariedade. Houve entusiasmo na realização e na cooperação da mostra.

Entramos pelo antigo bar Vila Lobo. Lá embaixo no gramado, as crianças, sentadas na grama, soltam bolhas de sabão, conduzidas pela mestra Sarahy. Depois correm pelo gramado atrás das bolhas.

Volto à praça para ver as artistas de ontem colocando hoje seus trabalhos. Armam um varal nas árvores e, ao sabor do vento, os desenhos e colagens são mostrados.

Um rapaz veio nos cumprimentar.

“Estou conhecendo a senhora. A senhora era cliente do Banco Credireal?”

Sim, respondi.

“Eu trabalhei no banco, hoje estou na roça. Não troco a roça por nada...”

Fiquei pensando naquele depoimento espontâneo sobre a qualidade de vida de um bancário e de um fazendeiro.

Escutamos o som da capoeira animando a festa. A capoeira é tradicional nas festas brasileiras pois ela canta e dança a alma do brasileiro. Na sua essência, o brasileiro é um ser alegre e comunicativo.

Comes e bebes fazem parte do mutirão, num intercâmbio feliz e prazeroso. Ali se vende o produto da roça: queijo, pães, empadinhas.

Felipe Resende, o secretário de Cultura veio me procurar. Vai dançar a Dança da Mangüara tradicional da região. Foi criada por uma família de Entre Rios e até hoje se apresenta nas festas.

Às 5 horas entramos mais uma vez na biblioteca, agora para assistir à palestra “Patrimônio Cultural: conceitos, políticas e diretrizes” da conservadora do patrimônio, a jovem Mariah Boelsums.

5 de agosto de 2019

OFICINA DE PAPEL NO MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS







Fotos de Natália França

O texto abaixo foi uma introdução à minha Oficina de Papel:

Sempre gostei de mutirões, porque através deles aparecem talentos e doações generosas.

Dividir com os outros os nossos conhecimentos é muito importante.

Hoje, vou dividir com vocês um pouco dos meus 83 anos de arte e trabalho ininterruptos.

Comecei aos 14 anos desenhando artistas de cinema e até hoje o desenho é companheiro inseparável de tudo o que eu fiz na minha vida de artista.

O meu itinerário artístico se expandiu em Entre Rios de Minas, na fazenda da Barrinha. Ali, munida de pincéis e aquarelas, eu me enveredava pelos morros e vales, buscando situações do

cotidiano de uma fazenda mineira. Os currais, vacas sendo ordenhadas, os cavalos preparados para serem montados pelos empregados ou crianças, o interior da fazenda com seus móveis antigos, a cozinha de fogão de lenha, o relógio antigo que dava badaladas, tudo isso era novo para mim. Eu tinha sido criada em Belo Horizonte e a vida no campo era uma novidade.

O Campo das Vertentes foi fundamental para um despertar de um novo caminho. Ali encontrei sugestões variadas para a minha arte.

Desenhar é fundamental, rabiscar é importante, pois é dos rabiscos que surgem as ideias. O desenho pode ser disciplinado ou livre, correspondendo à necessidade de cada artista.

É importante que cada um e cada uma de vocês encontre o seu próprio caminho, seja copiando paisagens, cenas do cotidiano, festas populares, tais como a festa da colheita, famosa na região. É importante anotar tudo, e Entre Rios oferece oportunidade para isto.

Desenhar na rua ou das janelas da cidade, documentar o movimento do povo, depois percorrer os campos, desenhar os carros de boi, as festas juninas, tudo isto serve de motivação para novos quadros ou livros de artista.

Nesta aula iremos inicialmente experimentar a “Linha contínua”, ensinada pelo próprio mestre Guignard, de quem fui aluna. Iremos partir de um ponto no papel, percorrer um desenho figurativo (ou não) e voltar para o mesmo ponto, sem tirar a caneta do papel, e sem se preocupar em cruzar linhas já traçadas.

Mostrarei em seguida algumas experiências com a arte não figurativa.

Iremos lembrar uma frase do famoso crítico de arte Maurice Denis:

“Um quadro, antes de ser uma paisagem ou uma figura humana, é um conjunto de linhas e formas que se harmonizam numa certa ordem.”

Iremos trabalhar com figuras geométricas recortadas por vocês em papéis coloridos e depois coladas no papel suporte. Cada um de vocês irá procurar esta “certa ordem”, a que se refere Maurice Denis. Esta ordem se chama “Composição”, e será colada no papel. A sua aplicação pode ser em quadros, em toalhas, sacolas, jogos americanos, bolsas etc.

Ajustando formas e combinando cores, chegaremos a um resultado feliz.

Partindo da linha contínua já experimentada no desenho, vocês irão criar uma escultura de papel, que mais tarde servirá de base para novas criações.

Mostrarei finalmente como recuei no tempo em busca das origens da minha arte, figurativa e não figurativa, transformando as ideias de décadas passadas em colagens e em esculturas. As primeiras esculturas partiram de desenhos geométricos, chamados de “construtivos” e, através de programas de computação, tornaram-se tridimensionais.

Vamos começar?

Um grande abraço,

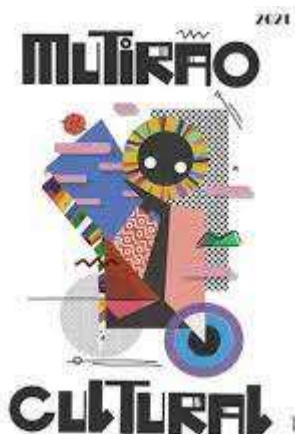
Maria Helena Andrés

13 de agosto de 2019

FESTIVAL MUTIRÃO CULTURAL DE ENTRE RIOS DE MINAS

Toda a cidade se movimenta em torno da arte. É o despertar daquilo que temos de melhor dentro de nós. A linguagem poética, às vezes adormecida dentro de nós, desperta. As novas mídias aproximam os povos. O grande sertão e as cidades. As imagens vão chegando e, com elas, o conhecimento. O primeiro Mutirão Cultural foi promovido na gestão do Euler e do Saulo, há uma década. Agora ele acontece sob a regência do jovem Secretário de Cultura, Felipe Resende, sobrinho do Saulo, com uma ótima programação on line. Os frutos de uma terra, banhada por dois rios e distante do litoral, estão sendo distribuídos para o planeta. Com oficinas diversas, caminhadas fotográficas, repique de sinos, contação de histórias, capoeira, cultura culinária, rodas de conversa sobre a diversidade e a representatividade, serestas e shows musicais, Entre Rios mais uma vez mostrou seus talentos. A importância do Mutirão está sendo reconhecida pelas cidades do entorno. Que outros Mutirões sigam o exemplo desta cidade e desçam as montanhas de Minas.

Transcrevo abaixo o texto de divulgação do Festival Mutirão Cultural de Entre Rios de Minas retirado da internet:



“Começou neste domingo (11), o Festival Mutirão Cultural de Entre Rios de Minas. A quinta edição do evento, que se reorganizou em 2020 por conta da pandemia, se mantém pelo espaço

virtual, e terá como tema a diversidade. Serão motivos de rodas de conversa, lives e oficinas a atenção às questões de gênero, sexualidade e raça. A organização do evento é da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo da cidade.

Mesmo com substituição dos palcos, das salas de oficinas, dos espaços públicos e turísticos para as mídias sociais, a proposta de interação será reforçada pela promoção do “Concurso de Passinho” e a “Caminhada Fotográfica”. Bom para quem está fora da cidade, afinal de contas, pela internet, as atividades - e as suas pautas, tão importantes para o país como um todo - podem alcançar ainda mais pessoas!

A cidade fica a cerca de 70km de São João del-Rei e tem aproximadamente 15 mil habitantes. As atividades presenciais pontuais acontecerão seguindo os protocolos e sem aglomeração como intervenções teatrais pela cidade “Serenata Partidas” do Teatro da Pedra e roda de Capoeira com projeto Pingo de Ouro.”



Fotos Da Internet

MUTIRÕES DE ENTRE RIOS DE MINAS

Sempre gostei de mutirões, porque através deles aparecem talentos e doações generosas.

Dividir com os outros os nossos conhecimentos é muito importante.

O Mutirão de Entre Rios de Minas nasceu em 2009, fruto do entusiasmo e esforço de um grupo liderado pelo IMHA, na época presidido por Euler Andrés e Saulo Resende. Foi um ano sem nenhum patrocinador. Como a cidade já esperava ansiosamente pelo 4º Festival, artistas e pessoas da comunidade decidiram juntar esforços e ensinar uns aos outros o que já tinham aprendido espontaneamente nas várias áreas artísticas e artesanais.

Surgiu então o I Mutirão Cultural de Entre Rios de Minas. Depois daquele ano outras edições deram continuidade ao evento, com várias oficinas e shows musicais.

O Mutirão Cultural é fonte inesgotável de novos talentos no campo da poesia, da música, do cinema, do desenho, da pintura, do bordado cuidadoso.

Em uma das edições nós fomos os professores. Ficamos encarregadas da Oficina de papel, coordenada por Ivana, Sarahy, Marília e eu. Gostei dos trabalhos, lindos, criativos. Fizeram colagens e desenhos individuais e coletivos, bem como esculturas de papel.

No dia seguinte as jovens artistas foram também “curadoras” da mostra e organizaram ao ar livre a exposição.

A cidade de Entre Rios é aberta à arte e à cultura, pois sabe que, exercendo a arte, deixando fluir sua própria energia criativa, também está colaborando para o desenvolvimento da região e do país. O IMHA (Instituto Maria Helena Andrés) abriu caminho através de vários projetos. Para esta cidade vieram professores, maestros, orquestras, diretores de teatro, de circo. Entre Rios se encheu de risos e cores. Os cinegrafistas documentaram tudo e hoje o secretário de Cultura está incentivando o Mutirão de Arte. Gosto muito de Mutirões, o resultado é excelente...

Outro grupo de artistas trabalhou com dedicação e entusiasmo nos bordados sobre a cidade. Bordaram as casas de Entre Rios. Um sucesso de solidariedade. Aliás, Mutirão significa

solidariedade. Houve entusiasmo na realização e na cooperação da mostra.

Entramos pelo antigo bar Vila Lobo. Lá embaixo no gramado, as crianças, sentadas na grama, soltavam bolhas de sabão, conduzidas pela mestra Sarahy. Depois corriam pelo gramado atrás das bolhas.

Voltei à praça para ver as artistas de ontem colocando hoje seus trabalhos. Armaram um varal nas árvores e, ao sabor do vento, os desenhos e colagens foram mostrados. Um rapaz veio nos cumprimentar.

Comes e bebes fazem parte do Mutirão, num intercâmbio feliz e prazeroso. Ali se vende o produto da roça: queijo, pães, empadinhas.

No ano de 2020, com a produção a cargo de Felipe Resende, secretário de Cultura, o Mutirão, devido à pandemia, aconteceu totalmente on line.

Cada um no seu quadrado veio trazer para o conjunto um pouco de sua história, do seu dia a dia. Estivemos todos lá, escutando a sinfonia de uma cidade e seus arredores. A voz dos antepassados ressurgiu naquele momento em que estávamos atentos, todos juntos.

Tudo faz parte de um todo. Somos um.

PEQUENA RETROSPECTIVA DA ATUAÇÃO DO IMHA EM ENTRE RIOS DE MINAS









Fotos de arquivo

No dia 14 de julho de 2019, retornamos a Entre Rios, onde estivemos várias vezes, celebrando os Festivais de Inverno e o Ponto de Cultura. Entre Rios tem, por tradição a música, desde a época do barroco.

Fazendo um pequeno retrospecto, Felipe Resende, atual Secretário de Cultura, promoveu há alguns meses no Vila Lobo, a projeção do filme “Maria Helena Andrés, Arte e Transcendência”.

Naquela ocasião, Euler, como primeiro presidente do IMHA, nos trouxe a história dos festivais, cuja realização só foi possível graças aos patrocinadores, a Gerdau e a Cemig.

“Ivana e Luciano dirigiram 4 edições do festival de Inverno de Entre Rios, juntamente com o produtor Júlio Varela, conseguindo manter um nível muito elevado de qualidade artística.”

Depois da fala de Felipe, 2 jovens deram o seu depoimento. Ambos são muito gratos ao IMHA, porque foi durante os festivais que foram despertados para a música.

“No Festival estudei com a Cecília Barreto. Mais tarde, no Ponto de Cultura, estudei com Kristoff Silva. Em seguida, fiz o teste e segui para a Universidade. Naquela época eu não tinha recursos para pagar a Universidade, mas obtive o meu primeiro salário no Ponto de Cultura, dando aulas para as crianças. Desta forma eu pude pagar meus estudos. Agora continuo dando aulas através da Prefeitura. Aqui estou para agradecer a todos vocês.”

Outra pessoa, a jovem Alice, não se referiu aos festivais nem ao IMHA. Sua proposta é participar do novo Mutirão, com sua experiência de poeta “aldravia”. Após a exibição do filme, Alice me presenteou com suas publicações.

O prefeito de Entre Rios, José Walter Resende Aguiar disse que, quando assumiu o cargo, havia na sala dele, dois quadros doados por mim na época em que Arnaldo Resende era o prefeito. Ele mandou retirar da sala dele e colocar num lugar onde todos pudessem ver.

“Hoje, como prefeito de Entre Rios, vejo que a educação é muito importante, mas a cultura muda a percepção das pessoas, ela é mais abrangente, daí a necessidade da Educação e da Cultura”

19 de agosto de 2019

OUTRAS PESSOAS, SER OU NÃO SER



No dia 25 de outubro de 2014 tivemos uma surpresa. Luciano Luppi, o nosso talentoso ator, interpretou, na nova sede do IMHA, poemas de Fernando Pessoa no espetáculo "Outras Pessoas, ser ou não ser." Lembrei-me novamente da Índia. "Este é um lugar sagrado de arte, deixem as preocupações do lado de fora", dizia um cartaz à porta de uma sala de dança no sul da Índia.

Realmente estávamos preocupados, aliás o Brasil estava preocupado e corria por todo o lado o mesmo assunto – política. A recomendação de silêncio e reverência completa à arte cênica não precisava de palavras. Ali estava o cenário, como uma advertência.

Foi realmente impactante aquela figura imensa, vestida de túnica escura, com uma máscara branca e luvas brancas. Confesso que fiquei assustada, pois não esperava aquele primeiro choque. Não foi preciso dizer que a turma de espectadores foi se assentando devagar, sem fazer barulho. Dali em diante o espetáculo transcorreu com a maior seriedade, a palavra acrescida e transmutada ao sabor da interpretação. Textos de Fernando Pessoa e Shakespeare foram de certo modo o roteiro daquela viagem para um mundo além dos interesses conflitantes do presente.

O silêncio foi necessário e aconteceu. As palavras de Fernando Pessoa, o grande poeta português, foram nos dirigindo para caminhos desconhecidos que só a arte pode desvendar. Ali as palavras não estavam somente guardadas dentro de livros. Elas estavam vivas na interpretação de Luciano e tocavam o público como uma música. Ivana acompanhava os textos operando uma trilha sonora condizente com a peça, despertando e conduzindo as emoções da plateia. Realmente o silêncio era necessário, para que as palavras do poeta português ecoassem por nossas montanhas.

Ao final, Luciano veio me oferecer o seu trabalho, como um presente para o IMHA, agora com nova sede no Retiro das Pedras. Marília, como presidente, agradeceu a generosidade dos artistas. Esse voluntariado, totalmente desapegado de patrocínio, é uma benção que será aplaudida por todos nós. Este é o nosso agradecimento.

Segue abaixo trecho de um poema de Fernando Pessoa:

"Para ser grande, sê inteiro:

Nada teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Sob a leve tutela

*De deuses descuidosos,
Quero gastar as concedidas horas
Desta fadada vida.
Nada podendo contra
O ser que me fizeram,
Desejo ao menos que me haja o Fado
Dado a paz por destino.
Na verdade, não quero
Mais que a vida; que os deuses
Dão vida e não verdade, nem talvez
Saibam qual a verdade”*

4 de novembro de 2014

REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO “FOTOGRAFIA E NATUREZA”

No dia 14 de março de 2015, a Galeria Lemos de Sá, em parceria com o Instituto Maria Helena Andrés, inaugura uma exposição de 4 artistas plásticos pertencentes a diferentes gerações, mas unidos por uma temática comum: a NATUREZA, estudada através dos 5 elementos da matéria, terra, água, fogo, ar e éter. A temática nos faz refletir sobre a nossa identidade com a natureza. Na realidade, somos parte da natureza. Cabe aos artistas trazerem esta mensagem ao mundo, através das diversas formas de arte.

Terra

Estamos na zona metalúrgica de Minas Gerais, onde a natureza construiu, ao longo de milênios, um território cheio de riquezas. As terras de Minas têm variações de cores de grande beleza. Eymard Brandão nos dá o testemunho do elemento Terra. Há muito tempo ele vem pesquisando o entorno de seu ateliê em Nova Lima. Eymard fotografou pacientemente as pedras reluzentes, o chão onde as marcas dos caminhões traçam um desenho de força e poder. Eymard recolhe as pedras e a terra revolvida. Seu testemunho está ali, fotografado e ampliado em quadros. Os caminhões passam deixando sua marca no chão.



Foto: Eymard Brandão

Água

Pedro Ariza veio de Málaga, no sul da Espanha, junto ao mar Mediterrâneo. Ali seu avô era agricultor e operador de cinema. Desde cedo o menino teve contato com películas cinematográficas, trabalhava junto com os tios, como aquele menino do filme “Cinema Paradiso.” Daí veio a sua vocação para a fotografia.

Para esta exposição na Galeria Lemos de Sá, sob a curadoria de Marília Andrés Ribeiro, Pedro nos trouxe um documentário do mar mediterrâneo. A água, o segundo elemento da matéria, ali está registrada com a força e beleza das ondas daquele mar que banha a Europa e a África. Pedro nos trouxe também da Espanha, um vídeo feito por uma equipe de artistas, poetas, músicos, fotógrafos, cinegrafistas, apresentando bailarinas que, no fundo de uma piscina, realizam uma dança subaquática. Este vídeo será mostrado pela primeira vez no Brasil a convite da Galeria Lemos de Sá, durante a inauguração da exposição “Fotografia e Natureza”.



Foto: Pedro Ariza

Fogo

Jayme Reis, aliando o seu espírito de aventura ao fazer artesanal, já percorreu com seus barcos, mares nunca dantes navegados e, numa proeza de *foto shop*, construiu um grande barco

com três pequenos barcos. Sua ligação com a fotografia veio da necessidade de ampliar seu espaço criativo para outras regiões, registrando ideias e formas poéticas. Nesta exposição, Jayme está mostrando o fogo, o elemento da matéria que destrói e constrói ao mesmo tempo. O fogo, usado desde os primórdios de nossa civilização, tem uma profunda conotação espiritual em várias tradições. Fogo é luz, é aquecimento, é mudança. Ele, ao mesmo tempo que consome o que é velho, faz despertar o novo com todo o seu potencial energético. Jayme fez uma fogueira de móveis velhos de um antigo ateliê, consumindo rascunhos, restos de trabalhos. As fotos desta exposição nos mostram o fogo crepitando em várias situações.



Foto: Jayme Reis

Ar

O tema do meu trabalho, para esta exposição, é o ar, o quarto elemento da matéria. Há 40 anos moro no alto das montanhas. Aqui construí uma casa e um ateliê de artes plásticas que, no momento, abriga a sede do Instituto Maria Helena Andrés.

Da minha casa posso ver as montanhas que se perdem de vista e nas noites de tempestade escuto o vento que derruba as árvores e sacode as vidraças. Este mesmo vento burilou esculturas num passado longínquo, indicando a direção das pedras do leste para o oeste, do oriente para o ocidente. Percorrer as montanhas com uma pequena câmera, registrar o “aqui e agora” das manhãs e tardes, passou a ser também uma segunda vertente do meu paisagismo abstrato. Para a exposição, escolhi o local onde tive, há 40 anos atrás o primeiro impacto das montanhas. Neste local, perto da capela, com a ajuda do meu amigo e artista Jayme Reis, pude fazer fotos que poderiam ser ampliadas para a exposição.



Foto: Maria Helena Andrés

Éter

Coube à curadoria de Marília Andrés Ribeiro, realizar a síntese deste trabalho, selecionar artistas, incentivá-los, buscar um local adequado para cada um dentro da galeria. O papel do curador é importante na arte contemporânea, onde ele atua como se fosse o regente de uma orquestra. É trabalho muitas vezes anônimo, mas de grande importância para o resultado final de uma exposição. Pode significar o quinto elemento da matéria, o éter, que permeia tudo e coordena os outros elementos de forma invisível.

11 de março de 2015

II JORNADA DE ESTUDOS INDIANOS





Fotos: Marília e Maurício Andrés

A II Jornada de Estudos Indianos aconteceu em Belo Horizonte, na UFMG, com o intuito de congregar interessados nos diálogos científicos e culturais entre Brasil e Índia.

Aconteceu discretamente, sem grandes alardes da mídia, apresentando uma forma positiva de incentivar a nossa aproximação com aquele país asiático. A Índia continua sendo uma fonte inesgotável de conhecimentos e propostas para um mundo melhor.

Fui convidada a participar dessa Jornada com uma exposição de trabalhos sobre a Índia, realizados desde a década de 1970, e meu livro *Oriente – Ocidente – integração de culturas* foi apresentado numa mesa em forma de livro de artista. Ao mesmo tempo, um vídeo projetado na parede mostrava minhas andanças pela Índia. Foram 45 anos de trabalho visando essa aproximação que agora está acontecendo.

A curadoria da mostra coube à Marília Andrés Ribeiro e ao Paulo Baeta, a coordenação da Jornada coube ao Roberto Luís Monte-Mór, diretor do Centro de Estudos Indianos da UFMG. A exposição foi uma parceria do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) com o Centro de Estudos Indianos (CEI).

Assisti, no dia 11 de novembro, à palestra de meu filho Maurício Andrés Ribeiro. Ele apresentou uma visão panorâmica da evolução e o itinerário do ser humano sobre o planeta, desde a época dos primeiros habitantes até os dias de hoje. A proposta de aprofundar o conhecimento sobre a evolução da consciência nos revelou com extrema clareza uma visão positiva neste mundo conturbado por guerras e tragédias.

Para essa mesa redonda sobre a *Evolução da Consciência Humana*, vieram Deepti Tewari Puri e Aryamani, duas representantes da Índia, radicadas em Auroville, no sul da Índia. Ali existe, desde a década de 1960, uma comunidade que foi considerada pela Unesco como um exemplo para o futuro da humanidade.

Na década de 1970 ali estive conhecendo os vários departamentos, todos eles dedicados ao desenvolvimento da consciência, por meio dos recursos mais abrangentes de educação pela arte. Há uma preocupação constante em fazer a criança se desenvolver através do exercício de suas

potencialidades.

Auroville é um exemplo que continua dando certo, regido pelas ideias de Sri Aurobindo, grande mestre indiano, que abriu uma perspectiva para o nosso futuro. Professores vindos da Europa e das Américas visitam aquela comunidade que se baseia na Yoga Integral, onde a arte e a espiritualidade estão sempre presentes, junto com a ciência, a ecologia e o esporte. A presença das duas representantes de Auroville foi muito importante para se compreender a dimensão do trabalho de internacionalização da UFMG, incentivando diálogos científicos e culturais dos brasileiros com os países do Oriente.

Acrescento aqui alguns textos sobre Sri Aurobindo recolhidos do meu livro *Encontro com Mestres no Oriente*.

“O Yoga Integral de Sri Aurobindo é a união de todos os caminhos: Bhakti (devoção), Karma (trabalho), Jnãna (sabedoria) e Raja (meditação).”

“Sri Aurobindo, em suas meditações, previu a queda dos mitos e a unidade planetária em níveis espirituais. O Supramental desceria sobre a humanidade do futuro, colocando os seres humanos diretamente ligados ao Cosmos. Uma educação baseada no despertar da criatividade e nas tendências naturais da criança possibilitaria maior receptividade para a descida dessa luz, que Aurobindo percebeu em seus momentos de meditação.”

17 de novembro de 2015

PROJETO ARTE É VIDA

A verdadeira paz, em escala planetária, brota espontânea do conhecimento de nós mesmos. Só então seremos livres e poderemos repetir, como o oráculo de Delfos: “Conhece-te e sê livre”.

A experiência nos ensina que a angústia promove a ruptura com o cotidiano, encaminhando o homem para um plano existencial mais profundo. É preciso, muitas vezes, sofrer para alcançar o estado de não sofrimento, aquele em que as coisas se tornam simples e sem conflitos. Ela é uma abertura para a compreensão do outro lado da vida, no qual paixões são superadas e as inquietações dão lugar à serenidade. Angústia existencial é um despertar. No entanto, o desafio do mundo é uma espada que nos atinge, mas também nos ajuda a vislumbrar a verdadeira paz; todas as formas de progresso material, espiritual, artístico e científico pressupõem, em suas raízes, a experiência do sofrimento. Refletindo sobre isso, poderíamos concluir que a superação das dificuldades constitui estímulo ao progresso. Segundo os princípios orientais, todas as coisas têm o

seu oposto, e em todos os acontecimentos e experiências encontramos necessariamente um lado positivo e outro negativo, o bem e o mal. A sabedoria oriental conscientiza-nos desse fato, abrindo nossos olhos para os opostos que se unem à procura de totalidade: o fracasso e o sucesso, o sofrimento e a alegria, a guerra e a paz.

Os opostos estão contidos em nossas experiências mais sofridas. Elas trazem em seu contexto um ensinamento e nos fazem enxergar a vida sob um plano mais amplo e total. O todo da vida é luz e sombra, alegria e tristeza, prazer e dor. Não se pode premeditar os momentos de luz, nem os momentos de tristeza. Eles simplesmente vêm a nós. Compreendê-los é estar afinado com a ordem cósmica. Atuar a partir do que nos chega, a cada momento, saber compreender a beleza do inesperado, esteja ele ou não de acordo com o que planejamos, é viver em plenitude e riqueza. A arte está sendo usada cada vez mais como complemento do processo terapêutico, como forma de revelar o inconsciente. (Extraído do meu livro “Os Caminhos da Arte”, Editora C/Arte, 2014)

“Em junho de 2010, o IMHA deu início ao projeto *Arte é Vida*, no município vizinho de Jeceaba, em parceria com a Prefeitura Municipal de Jeceaba/Secretaria Municipal de Saúde e Assistência Social e com o patrocínio da VSB (Vallourec& Sumitomo Tubos do Brasil). O *Arte é Vida*, coordenado por Sarahy Fernandes, teve como principal objetivo a melhoria da qualidade de vida da comunidade, integrando as áreas da saúde, assistência social e educação, por meio da realização de oficinas de Arteterapia, capoeira, dança de rua, dança de salão, música e teatro, tendo como foco o desenvolvimento da inteligência emocional, na abordagem de temas como uso de drogas, DSTs, gravidez na adolescência e transtornos depressivos. As oficinas foram gratuitas e ocorreram, semanalmente, até dezembro de 2010, atendendo a crianças, jovens e adultos, em um total de 420 alunos.” (Ana Carolina Novaes extraído do site do IMHA)

*FOTOS DE ARQUIVO

PROJETO RESGATE COM ARTE

Nas minhas viagens à Índia, entrei em contato com comunidades ligadas ao grande pensador e educador Sri Aurobindo. Segundo ele, o primeiro princípio de um ensinamento verdadeiro é que nada pode ser ensinado. A tarefa do professor é apenas sugerir. Ele não impõe o conhecimento como verdade única, mas procura despertar o aluno para adquiri-lo por si próprio. Sem distinções entre as crianças ou adultos, adolescentes ou velhos, todos devem ser educados de forma livre,

espontânea, desenvolvendo suas tendências individuais. Naquela comunidade dá-se muita ênfase ao desenvolvimento integral do ser humano: corpo, emoções e mente. Além dos esportes e práticas de Yoga, diferentes atividades artísticas fazem parte do cotidiano dos alunos. O despertar da consciência também se faz estimulando a concentração e a meditação. Sri Aurobindo vivia em contato direto com a sua intuição criadora, a fonte do conhecimento, ou o supramental, como focalizou em vários dos seus escritos. Todo o seu processo educativo baseia-se no aperfeiçoamento do indivíduo, na descoberta de seus próprios recursos e na entrega absoluta aos planos mais elevados da sua própria consciência. O homem, segundo ele, passará da situação atual, ainda imperfeita, para um grau de perfeição nunca antes atingido na Terra. Suas ideias sobre a evolução do mundo lembram as ideias evolucionistas de Teilhard de Chardin, o grande pensador católico. “Teilhard fala do advento de uma super-reflexão que levaria o homem a uma plataforma superior. Essa evolução não estaria distante de nós, mas se realizaria num futuro próximo.” (Extraído do meu livro “Os Caminhos da Arte”, Editora C/Arte, 2014)

“O projeto *Resgate com Arte – Aprendizado Multidisciplinar através das Artes* foi patrocinado pelo Fundo Estadual de Cultura (FEC), em 2009, sendo que suas atividades tiveram início em agosto de 2010. O Projeto, coordenado por Maria Aldina Resende, ofereceu à população a oportunidade de aprender sobre os patrimônios histórico, cultural e ambiental da região, de maneira lúdica e criativa, por meio da realização de oito oficinas de expressão artística (com duração de 36 meses): História da Arte, Educação para o Patrimônio, Artes Plásticas (cenários e figurinos com material reciclado), Produção de Textos, Interpretação Teatral, Composição Musical, Técnicas Vocais e de Canto, Técnicas de Dança Contemporânea e Criação, Montagem e Manipulação de Bonecos para Teatro. Foram oferecidas 140 vagas para jovens e adultos da comunidade em geral e estudantes e professores das escolas estaduais. Novas ações aconteceram no segundo semestre, incluindo aula de resgate histórico, sessão de filmes, passeios turísticos, disponibilização do acervo histórico coletado para pesquisa e documentação e a exibição de um vídeo do Projeto, a princípio, em Entre Rios de Minas e nos municípios vizinhos de Jeceaba e São Brás do Suaçuí. .” (Ana Carolina Novaes extraído do site do IMHA)

FOTOS DE ARQUIVO

PONTO DE CULTURA MÚSICA PARA TODOS

Podemos refletir sobre o papel das novas mídias na comunicação e na educação. Nossa vida

mudou quando trocamos as cartas por e-mails. Na década de 70, quando viajei pela Índia, a comunicação com minha família no Brasil era por meio de cartas, que levavam mais de um mês para chegar ao seu destino. Hoje, com um simples tablet podemos nos comunicar imediatamente, inclusive vendo a imagem das pessoas. Dos cursos de Design e Multimídia do IMHA já saíram vários vídeos que podem ser acessados por qualquer um, em qualquer lugar do mundo, no Youtube. (Texto de minha autoria extraído do InfoIMHA)

“Em um mundo dominado por imagens, e num país onde 95% dos lares têm um televisor, é importante que se entenda e se pense sobre o teor social, político e cultural de todo o conteúdo audiovisual que “ingerimos” no nosso dia a dia. Não podemos deixar de falar no peso esmagador da história e na evolução dos aparatos técnicos e tecnológicos, bem como na evolução do pensamento, até os modos de vida contemporâneos, onde a fotografia e o vídeo têm papel fundamental na formação do indivíduo. Partindo disso, lançamos aos alunos pequenos do presente projeto, desafios que os habilitassem para o uso de aparatos técnicos em produções de fotografias e vídeos, ao mesmo tempo em que pudessem assimilar esse aprendizado no cotidiano”. (Ana Carolina Novaes, extraído do site do IMHA)

“A partir do sucesso do projeto *Música na Escola*, o IMHA obteve, em 2009, a aprovação do Ministério da Cultura, por meio do Programa Cultura Viva, para a instalação do Ponto de Cultura Música Para Todos. Em 2010, foi formalizado convênio com a Secretaria de Estado de Cultura para dar início à instalação do Ponto em uma sala dentro da sede do IMHA. Inaugurada em maio de 2011, a sala abriu espaço para que 10 jovens do Ensino Médio pudessem registrar o universo musical de Entre Rios de Minas, um material de pesquisa para apoio às aulas de música do projeto *Música nas Escolas*. Durante seis meses, esses jovens foram capacitados por professores especializados nas áreas de design, multimídia e música e foram elaborados três vídeos, que contribuíram para reforçar as aulas nas escolas, motivando o interesse dos alunos e abrindo um canal de interatividade entre as áreas da informática e da música. As atividades do Ponto de Cultura foram planejadas para acontecerem em três anos consecutivos. No primeiro ano, a meta foi capacitar os jovens para a confecção do material virtual e realizar um novo treinamento de todos os educadores da rede pública do Ensino Fundamental, objetivando dar continuidade ao acompanhamento às aulas de música nas escolas. O curso de Design & Multimídia e Musicalização, ministrado pelos professores Aruan Mattos e Frederico Leão Boelsums, tiveram como meta capacitar os alunos em softwares de edição de áudio e vídeo. Para isso, foram realizados vídeos-aula, para, posteriormente, serem distribuídos nos cursos de musicalização das escolas do

município. Foram feitos documentários sobre músicos veteranos que permeiam o solo de Entre Rios de Minas, com narrativas líricas, visando preservar a memória artística e cultural da cidade. São eles: *Osmar Adelino-Violão em Seresta*, *Tião Asevedo- O artesão dos sons* e *Seu Divino-Versos Sanfonados*. Também foram elaborados vídeos-aula sobre iniciação musical (Intensidade, Altura, Timbres e Andamento); uma trilha sonora e a edição do áudio do vídeo *1º Resgate com Arte*, com o apoio dos alunos-monitores do curso; e, ainda, um documentário sobre a Serra do Gambá, em parceria com os alunos da Escola Estadual Ribeiro de Oliveira. Em 2012, houve a aquisição de novos instrumentos musicais e foi dada a continuidade às aulas de música nas escolas ministradas semanalmente para cerca de mil crianças. Nesse ano, o Ponto de Cultura Música para Todos foi novamente palco para a aproximação das novas gerações com a história de músicos, bandas e luthiers. Por meio do Fundo da Infância e da Adolescência, e com o patrocínio da Cemig, foram ministradas duas edições do curso de Design & Multimídia para jovens, com ênfase no resgate do universo cultural da região. Os cursos tiveram a duração de quatro meses e a participação de 16 alunos. A finalização do Projeto ocorreu com a aquisição de novos equipamentos para ampliação da sala de produção e edição de vídeos. Entre 2012/2014 o IMHA deu prosseguimento ao curso Design & Multimídia com os professores Tuca Boelsums, Alejandro Restrepo, Gabriel Caram e Vinicius Odilon e foram produzidos os seguintes vídeos, que estão disponibilizados no Youtube: *Dona Maria, Música para Todos, Valico, O Poeta da Serra, Benzedeiras, Seresta Rios ao Luar, Música nas Escolas, Sinos e seu Sinais e Corrida Maluca.*” (Ana Carolina Novaes, extraído do InfoIMHA).

“No Festival estudei com a Cecília Barreto. Mais tarde, no Ponto de Cultura, estudei com Kristoff Silva. Em seguida, fiz o teste e segui para a Universidade. Naquela época eu não tinha recursos para pagar a Universidade, mas obtive o meu primeiro salário no Ponto de Cultura, dando aulas para as crianças. Desta forma eu pude pagar meus estudos. Agora continuo dando aulas através da Prefeitura. Aqui estou para agradecer a todos vocês.” (Depoimento de um aluno, que participou de vários projetos do IMHA)

*FOTOS DE ARQUIVO

PROJETO MÚSICA NA ESCOLA

As últimas investigações psicológicas e fisiológicas convergem para a hipótese de que a consciência é uma superestrutura mental ou uma área mental diferenciada, alguma coisa que se desenvolveu a partir da relação do homem com seu ambiente físico e social, como um refinamento

de uma estrutura básica preexistente.

Herbert Read mostra-nos a influência do meio sobre o desenvolvimento da consciência do ser humano. Isso nos indicaria também a necessidade da arte como a grande auxiliar da educação. Uma educação que visa apenas ao acúmulo de conhecimentos ou à repetição de conceitos do passado seria uma educação fragmentada. Não atingiria o desenvolvimento da criança sob todos os seus múltiplos aspectos. O acúmulo de conhecimentos teóricos, não vivenciados, permite apenas uma visão parcial do problema. Para haver compreensão total, é necessário viver o aprendizado e percebê-lo de forma global. O papel do educador assume um caráter de constante humildade diante do novo que desperta. A criança tem direito à sua própria individualidade e não pode ser moldada de acordo com normas.

O desenvolvimento da consciência, feito com o auxílio da arte, torna-se um processo natural de crescimento. O movimento criador é um impulso do ser humano, que flui diretamente de suas raízes mais profundas. Ele investiga, descobre, se conscientiza e se expande. As artes da dança e da música seriam a abertura para o movimento, despertando a criança para a compreensão do relacionamento com o espaço que a rodeia.

A educadora Nathalie de Salzman, seguidora de Gurdjieff, criou o Modelo Educacional Etievan: a educação para o despertar da consciência e o desenvolvimento do sentimento. No modelo educacional desse grupo, a música, os ritmos e as artes de forma geral são canais por onde fluem as emoções e se afinam os sentimentos. Ali a vida se torna também uma arte, desde que todas as atividades do cotidiano são feitas com atenção e autoconhecimento.

Antes de aprender as notas musicais e seus valores, por exemplo, deve-se ensinar a criança a escutar: sons de vozes, de animais, de instrumentos; pode-se pedir que crie um instrumento. Que aprenda o resto depois de ter um interesse pessoal despertado, e uma apreciação real e justa. Esse aprender a escutar ensina não somente a ouvir o que está fora, mas também ensina a ouvir o coração, essa voz interior, a pôr a atenção sobre si mesmo e mantê-la. Se não escutarmos a nós mesmos, não temos possibilidade de nos comunicar. Escutar é um ato ativo, volitivo, não uma aceitação passiva.

Escutando os sons externos e internos, a criança despertará desde cedo para a consciência de si mesma, da natureza e do universo. . (Extraído do meu livro “Os Caminhos da Arte”, Editora C/Arte, 2014)

"O projeto *Música na Escola* teve início em 2006, com a realização do IMHA em parceria com a SICOOB Credicampo. O objetivo principal do Projeto foi estimular a criatividade, a concentração e a atenção das crianças da fase introdutória ao quinto ano do Ensino Fundamental, por meio do

aprendizado dos elementos básicos da música e do desenvolvimento de uma audição ativa e crítica, valorizando todos os aspectos da criação musical, a partir do conhecimento de diferentes estilos, gêneros musicais e de diferentes épocas e culturas. No início, houve a capacitação dos músicos que seriam responsáveis por ministrar as lições semanais, no horário regular das aulas, e também dos educadores, que acompanhariam seus alunos nesse processo, promovendo atividades e brincadeiras pedagógicas de apoio durante todo o período letivo. Em 2008, o *Música na Escola* beneficiou quase 600 alunos no município; em 2009, cerca de 400 receberam educação musical e, em 2010, cerca de 600 foram atendidos pelo Projeto. Na região do Campo das Vertentes, o IMHA já é referência no ensino de música na escola, que teve início em Entre Rios de Minas e alcançou São Brás do Suaçuí. Por meio de doações de pessoas físicas feitas em 2010 e 2011, via Fundo da Infância e da Adolescência (FIA), 10 turmas do primeiro ao quinto ano da Escola Municipal Amélia D'Anunciação Pyramo receberam aulas de música durante o ano de 2012. Em Entre Rios de Minas, o *Música na Escola* incluiu o Bairro Castro e a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Entre Rios de Minas), através de doação da Cemig, via FIA. Além disso, novos músicos foram preparados para dar aulas de educação musical, durante um curso de uma semana de aprofundamento em técnicas pedagógicas.” (Extraído do site do IMHA, redação de Ana Carolina Novaes)

ÁGUA, EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E ARTES



Águas, Educação, História e Artes

<https://www.youtube.com/watch?v=PINyWbGVi7U&t=1s>

Dia 20-3-2023 as 19h30 minutos – horário de Brasília

Evento paralelo da Conferência da ONU sobre Água – 2023

O Contexto

A Conferência sobre a Água 2023, da ONU, é o mais importante encontro internacional sobre o tema, que interessa a todos na humanidade. Além da programação oficial, que acontece entre 22 e 24 de março em Nova Iorque, a ONU abriu a possibilidade de realização de eventos paralelos presenciais e virtuais. Foram recebidas 1270 propostas e aprovados 148 eventos paralelos virtuais. Esses eventos tratam de uma grande variedade de temas relacionados às águas: o direito à água, o papel das mulheres e das comunidades indígenas, a gestão participativa das águas, aspectos tecnológicos e econômicos, questões de justiça hídrica e o acesso das populações ao abastecimento, entre muitos outros. (ver todos eles no link <https://sdgs.un.org/sites/default/files/202303/Virtual%20final%20programme%20%282%29.pdf>)

A proposta do evento paralelo virtual sobre Águas e Artes

Quase nenhum dos eventos paralelos aprovados focaliza a temática das artes e a relevância da linguagem artística para sensibilizar sobre as águas.

O Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) organizou este evento paralelo à Conferência da ONU sobre Água em 2023, para mostrar a importância da linguagem artística como instrumento para desenvolver o potencial criativo e sensibilizar para a ÁGUA. O evento conta com o apoio do Centro Cultural UFMG, do Centro Especializado em Arte Ambiental – MHNJB-UFMG, das ongs planetapontocom, Instituto Undió e do projeto Entre rios e ruas.

O programa previamente editado, com 58 minutos de duração, apresenta exemplos a partir do trabalho de artistas visuais, músicos, poetas, historiadores, educadores, arquitetos, fotógrafos,

videomakers e ecologistas.

Na primeira parte, com 26 minutos, agrupamos as contribuições focalizadas na relação da Água com a Vida. Tomamos como exemplo as pinturas de Maria Helena Andrés e de Bax; o vídeo musical *Água* do grupo Voz & Poesia; o livro *A Água fala* de Maurício e Aparecida Andrés, ilustrado por MHA; as fotografias de nuvens, de Maurício Andrés; as músicas sobre água e nuvens de Artur Andrés; vídeos de Fabricio Fernandino (*Aqua*) e João Diniz (*Waterfeel*). Apresentamos ações geradoras de hidroconsciência e de educação pela arte, realizadas com as crianças por Eliana e Maria Helena Andrés, que enfatizam a importância da arte como instrumento para desenvolver o potencial criativo de crianças, jovens e adultos.

Na segunda parte, com 32 minutos, apresentamos contribuições relacionadas com histórias e narrativas que envolvem **a morte e o renascimento** dos rios. Ela se inicia com o vídeo de Fabricio Fernandino sobre *O rio das Mortes*. Mostram-se a hidroalienação nas tentativas de matar rios urbanos (hidrocídio) por meio da poluição das águas e pelas intervenções urbanas que os enterraram vivos debaixo do asfalto. Os projetos de Isabela Prado (*Sobre o rio: Entre rios e ruas*) e aquele coordenado por Thereza Portes- Instituto Undió (*Nessa rua tem um rio*), mostram que os rios se mantêm vivos na memória e ressurgem nas intervenções artísticas. Finaliza-se com as contribuições focalizadas no renascimento dos rios urbanos por meio da hidroconsciência, tais como as apresentadas no projeto educativo de Silvana Gontijo (*Esse Rio é Meu– Cidades, salvem seus rios*) e no livro sobre a história do saneamento, intitulado *A Epopeia do Saneamento* de Márcio Santa Rosa e Aspásia Camargo.

Ao final das apresentações há um tempo para interação, mediado pelo vice-presidente do IMHA, João Diniz.

O evento será transmitido pelas plataformas Zoom e pelo YouTube, operados pela equipe da UFMG.

Realização

Instituto Maria Helena Andrés



Apoio

Entre rios e ruas



Instituto Undió



Centro Cultural UFMG

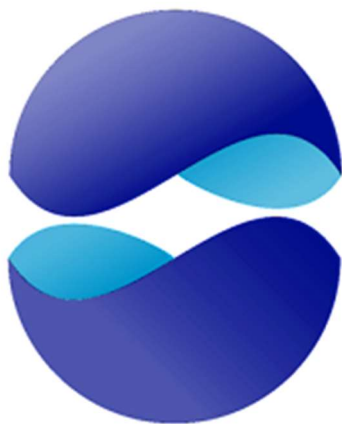


PROCLT
PRÓ-REITORIA
DE CULTURA

UFMG

Centro Especializado em arte ambiental -MHNJB- UFMG

**CENTRO ESPECIALIZADO EM
ARTE AMBIENTAL**



MHNJB - UFMG

Planetapontocom



Evento paralelo aprovado pela ONU



WATER, EDUCATION, HISTORY AND ARTS



Waters, Education, History and Arts

Link Zoom and YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=PINyWbGVi7U&t=1s>

Day 20-3-2023 at 7:30 pm – Brasilia time

Side event of the UN Conference on Water – 2023

The Maria Helena Andrés Institute organized this side event of the UN Conference on Water in 2023, to show the importance of artistic language as a tool to develop the creative potential and raise awareness about WATER. We present the work of visual artists, musicians, poets, historians, educators, architects, photographers, video makers and ecologists.

In the first part, lasting 25 minutes, we group the contributions focused on the relationship between Water and Life. We take as examples the paintings of Maria Helena Andrés and Bax; the musical clip video *Água* by the group Voz & Poesia; the book *Water Speaks* of Maurício and

Aparecida Andrés, illustrated by MHA; photographs of clouds, by Maurício Andrés; the songs about water and clouds by Artur Andrés; videos by Fabricio Fernandino (Aqua) and João Diniz (Waterfeel). We present actions carried out with children by Eliana and Maria Helena Andrés, who emphasize the importance of art as a tool to develop the creative potential of children, young people and adults.

In the second part, lasting 30 minutes, we present contributions related to the death and rebirth of rivers. It begins with Fabricio Fernandino's video about the river of Deaths. Hydro alienation is shown in attempts to kill urban rivers (hydrocide) through water pollution and urban interventions that buried them alive under the asphalt. The projects This street has a river (coordinated by Thereza Portes- Instituto Undió), and the work of Isabela Prado (Over/About the river: Between rivers and streets) show that rivers remain alive in memory and reappear in artistic interventions. This part ends with two contributions focused on the rebirth of urban rivers through hydro-awareness, such as those presented in the educational project Esse Rio é Meu by Silvana Gontijo, and in the book The Sanitation Epic, by Márcio Santa Rosa and Aspásia Camargo.

Realization

Institute Maria Helena Andrés



Support

Between rivers and streets

Entre rios e ruas

Undió Institute



UFMG Cultural Center



CENTRO ESPECIALIZADO EM
ARTE AMBIENTAL



MHNJB - UFMG

Planetapontocom

planetapontocom

UN approved side event

